

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

LUIZ PAULO COSTA TEIXEIRA

POTÊNCIAS DE UM EMPIRISMO CEGO – JORNALISMO E
RELAÇÕES DE PODER

SÃO CRISTÓVÃO
2015

LUIZ PAULO COSTA TEIXEIRA

POTÊNCIAS DE UM EMPIRISMO CEGO – JORNALISMO E RELAÇÕES DE PODER

Texto apresentado como requisito para defesa no curso de Pós-graduação em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Kleber Jean Matos Lopes

SÃO CRISTÓVÃO
2015

POTÊNCIAS DE UM EMPIRISMO CEGO – JORNALISMO E RELAÇÕES DE PODER

Luiz Paulo Costa Teixeira

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Kleber Jean Matos Lopes (Orientador)
Professor Doutor – Universidade Federal de Sergipe

José Maurício Manguiera Viana
Professor Doutor – Universidade Federal de Sergipe

Michele de Freitas Faria de Vasconcelos
Professora Doutora – Universidade Federal de Sergipe (externa ao programa)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo colocar em análise a questão do poder e da ética relacionados ao jornalismo e a produção de subjetividade. A ideia é utilizar uma experiência foucaultiana possível num campo sempre muito debatido e presente nas análises "psi", mas pouco estudado por dentro, nas suas próprias lógicas teóricas e mercadológicas, pelas malhas de poder que atravessa e é atravessado. Busca-se primeiro resgatar como os teóricos do jornalismo tentaram explicá-lo ou enquadrá-lo como um poder por si, encarnado, historicamente, para depois localizar uma experiência de outro olhar possível sobre as práticas jornalísticas através do pensamento de Michel Foucault. O objetivo não é melhor explicar o jornalismo, mas arriscar um desencaminhar possível, tanto para os estudos do jornalismo quanto para manter vivo o pensamento de Foucault. O trabalho aposta também, posteriormente, nos escritos de Cláudio Abramo, que no Brasil foi um dos principais jornalistas e pensadores destas práticas. A ideia é mostrar em que momento o próprio jornalismo ousou sair dos próprios padrões, assumindo um risco para as próprias relações numa espécie de empirismo cego na sua própria atividade. Finalmente, compara-se o desencaminhar possível do jornalismo nos anos 80 do século XX, na reabertura política do Brasil, com os caminhos tortuosos das práticas de hoje.

PALAVRAS CHAVE: Ética; jornalismo; relações de poder; produção de subjetividade.

ABSTRACT

This study aims to put in question the issue of power and ethics related to journalism and the production of subjectivity. The idea is to use a Foucault experience possible in a field always much debated and present the “psi” analysis, but little studied inside, in their own theoretical and market logic, the power mesh that passes through and is crossed. Search by first rescue as theorists of journalism tried to explain it or frame it as a power for itself, incarnate, historically, only to find a another look possible experience on journalistic practices by thinking of Michel Foucault. The goal is not better explain journalism, but risk a possible mislead both for journalism studies and to keep alive the thought of Foucault. The work also bet later in the writings of Claudio Abramo, which in Brazil was one of the leading journalists and thinkers of such practices. The idea is to show in which time the very journalism dared leave the own standards, taking a risk to their own relations in a sort of blind empiricism in their own activity. Finally, it compares it can mislead journalism in the 80s of the twentieth century, political reopening of Brazil, with the crooked paths of today's practices.

KEYWORDS: Ethics; journalism; power relations; production of subjectivity.

Agradecimentos

Aos meus principais formadores, meu pai e minha mãe, por mostrarem ser o conhecimento a maior das riquezas e me dar todo o suporte, principalmente na parte final desse estudo. A minha avó Antonieta, pelo exemplo de vida e pelo apoio sempre. E ao tio Moacyr, meu maior incentivador.

A minha noiva Laís, por todo o amor, e a Caio Dilgo, por todo o humor.

A todos os meus colegas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para esta pós-graduação numa área relativamente nova para mim. Principalmente aos “amigos de Foucault”, Bruna, Elen, James, Marcel, Paula, mas sem esquecer dos mestrandos 2013-1 em Psicologia Social que conseguiram concluir seus estudos (ou não) apesar da falta de apoio da pós-graduação no país e especialmente na UFS.

E ao orientador-amigo Kleber, que me deu a oportunidade de explorar este novo campo de estudo e de vida.

“Eu não estou interessado
Em nenhuma teoria
Nem nessas coisas do oriente
Romances astrais
A minha alucinação
É suportar o dia-a-dia
E meu delírio
É a experiência
Com coisas reais”.

“Alucinação”, Belchior, 1976.

Sumário

1 – Apresentação.....	9
2 – Os caminhos do jornalismo como um exercício de poder.....	13
3. Um empirismo cego, tateando as relações de saber-poder	24
4 – Um desencaminhar possível	34
Olhar de estrangeiro.....	41
Lutando em outros campos.....	46
Cerco Implacável.....	51
Uma festa sem emoção?	54
Democracia nos preços	56
A Fazenda e a fauna que aflora a disputa	59
5 – Considerações Finais	64
BIBLIOGRAFIA	73
SITES	76
ACERVOS ONLINE	78

1 – Apresentação

Escrevo, e isso já é um grande problema. Além da luta do pensamento extrapolado contra a página em branco, na prática profissional em que me insiro a obrigação é de se esconder atrás de uma terceira pessoa, que ninguém conhece, mas todo mundo respeita. “O sujeito: uma coisa complexa, frágil, de que é tão difícil falar, e sem a qual não podemos falar”¹.

Durante minha graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal de Sergipe – UFS –, tive a oportunidade de receber um tipo de conhecimento que se articulava bastante estranho, para dizer o mínimo.

Desde os primeiros anos, ensinava-se a questionar o tipo de jornalismo praticado pelo Mercado, pois essa seria a função – privilegiada, diria – da Academia, principalmente numa instituição pública, ao mesmo tempo em que continuava a ser proposto um modelo bastante questionável de ciência/saber, uma busca de uma tal verdade, baseada em ideais de objetividade, neutralidade e imparcialidade. Criticar, mas repetir, criticar, repetir....

Minhas inquietações, tanto com o malfadado jornalismo que acompanhava na chamada Grande Imprensa, sempre movida a grandes e nem tão escusos interesses, quanto com o tipo de crítica infértil produzida na Academia, chegaram a tornar aquele ambiente quase inabitável, principalmente quando o tema ética, ou algo que o valha, surgia em sala de aula.

Era nesse momento que o saber que tentava se produzir ali mais caía na própria armadilha. Julgava-se impossível atingir os velhos ideais positivistas de ciência ou uma verdade única, mas atacava-se o mercado justamente com essas armas. Sabia-se que o jornalismo nunca poderia ser um “espelho da realidade”, mas na prática repetia-se o velho mantra do jornalismo isento, despersonalizado.

Outro caminho possível, o do jornalismo como construção da realidade, que renega os ideais da objetividade, imparcialidade e neutralidade, chegava até a ser apontado, mas não parecia sequer ser cogitado como prática possível. “Como o âncora do jornal mais visto do horário nobre vai chegar em rede nacional e ‘admitir’ que as notícias, veiculadas ali são parciais, subjetivas e recheadas de posicionamentos políticos? Muito bacana falar sobre isso, mas como colocar em

1 - FOUCAULT, Michel. Lacan, o “Libertador” da Psicanálise. In: Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Ditos e Escritos I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999

prática no mercado? Como será a reação do público quando ouvir que não necessariamente o que estão ouvindo é ‘A Verdade’? ”, perguntavam os professores-doutores.

De uma forma ou de outra, o vasto campo da comunicação acabava reduzido para esse tipo de discussão rasa e inerte. Recheava-se todo o tempo de graduação com um tal jornalismo multimídia, como se estudar o modo como velhos modos de pensar poderiam inserir-se em novos meios de comunicação, sem nunca colocar as próprias práticas em perspectiva, fosse dar densidade e importância ao tema. Tentava-se equacionar o problema, ou talvez escamoteá-lo, por um certo fetichismo tecnológico, longe de discutir as potencialidades das sofisticadas tecnologias de saber-poder.

Diante deste impasse essencial no curso, resolvi me aventurar, ali mesmo na universidade, em disciplinas de outras ciências ditas humanas, buscando fugir daquele caminho emoldurado, de fim esperado e trágico. E foi justamente nesse desencaminhar que percebi o quanto um certo nível de discussão sobre o próprio conhecimento não só já havia sido alcançado, quanto superado. Porém, ainda longe de ser uma unanimidade.

Nas palavras de Alfredo Veiga-Neto², falando sobre os “paradigmas” das ciências humanas, é preciso ao menos refinar-lhes os sentidos, dar suas coordenadas no mapa semântico em que nos movimentamos. Utilizando os estudos históricos sobre a ciência feitas por Thomas Kuhn, Veiga-Neto aponta que “não somos livres para ver e compreender qualquer coisa, de qualquer maneira, senão a partir dos ‘esquemas’ dados por um paradigma. Assim, o paradigma (essencialmente hegemônico) funciona como uma fonte dos métodos e das próprias perguntas possíveis – e respectivas respostas – numa determinada comunidade científica”³. Enquanto esse tipo de discussão, literalmente paradigmática, ocorre há tempos, ainda se ensina a apenas reproduzir os esquemas de verdade e de procedimentos jornalísticos ainda advindos do positivismo mais rasteiro.

Dessa forma, chegar à obra de Michel Foucault foi tanto uma novidade quanto uma estranheza, pela densidade daqueles escritos e por não ter tido ainda a oportunidade de conhecê-lo, até aquele momento. Na época, as cátedras do curso de Jornalismo pareciam estar muito mais preocupadas em separar-se da Comunicação Social do que discutir o saber que estava sendo ali (re)produzido.

2 - VEIGA-NETO, Alfredo (2002). Paradigmas? Cuidado com eles!. In: COSTA, Marisa Vorraber. Caminhos Investigativos: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

3 - VEIGA-NETO, 2002. P.40

A “Ordem do Discurso”, o discurso proferido ao Collège de France, o muito dito em tão poucas páginas, parecia ser o essencial na discussão sobre a comunicação, a que eu não teria acesso se não tivesse desencaminhado em outras matérias, de outros departamentos na academia.

“É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos”⁴. Dentro do jornalismo, seja na posição de estudante ou na de profissional que me tornei, para me “encontrar no verdadeiro” sempre me senti obrigado a apagar os rastros da minha posição de verdade, a seguir certos caminhos pré-estabelecidos sem necessariamente estar “dizendo a verdade”.

Utilizando o pensamento de Foucault, a Comunicação ganha outras possibilidades de pensar o discurso, apontando tanto para o dito quanto para o não dito, ao sistema de interdições, a conceitos como o de disciplina, que ampliam a perspectiva sobre teoria e prática, para mim, indissociáveis.

A phylia pelo pensamento de Foucault só fez crescer ainda mais, principalmente ao participar de um grupo de estudos com alunos de Psicologia da mesma UFS, lendo e discutindo os seus derradeiros cursos no Collège de France - “A Hermenêutica do Sujeito”, “O Governo de Si e dos Outros” e “A Coragem da Verdade”. Cursos em que, ao abordar o tema da estética da existência, da verdade encarnada na própria vida, o autor fez questão de justificar os próprios estudos, e a volta aos clássicos gregos, helenísticos, romanos e cristãos, num percurso em que sempre deixou marcadas as relações entre poder, saber e sujeito.

Além do conhecimento, perceber que havia gente interessada num autor que não se prende à arbitrariedade da divisão do pensamento – que tenta separar e rotular tal campo de Psicologia, outro de Filosofia, outro de Comunicação – transformou um desânimo inicial com o curso original – neste momento, já concluído – numa vontade cada vez maior de estudar algo que coloca em perspectiva o próprio pensamento.

Dessa forma a aproximação de Foucault com o campo da Comunicação não seria apenas colocar os livros dele na mesma prateleira dos manuais de jornalismo ou como figurante numa disciplina que trate de ética, e sim a oportunidade indispensável e única de analisar e desestabilizar tanto as práticas jornalísticas – que costumam tender a um automatismo tecnicista – quanto a

4 - FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo, Loyola, 1996.

própria percepção que se tem, de fora, dos produtos midiáticos, que normalmente são tratados a ferro e fogo pelos leitores/espectadores.

O que não quer dizer, necessariamente, que se tenha uma pretensão de verdade universal com essa proposta, até para não cair na mesma armadilha do que é feito hoje. Fugir de uma nova teoria do jornalismo ou da Comunicação e, pelo menos, contribuir com uma discussão mais ampla sobre os temas.

Igualmente, abordar o jornalismo e o tal campo da Comunicação pode servir para contribuir para uma singular atualização do meu pensamento foucaultiano – para não dizer foucaultiano – sem a mínima intenção de querer falar por Foucault. Pensamento que já orbitou sobre jornalismo e Comunicação em diversos momentos, ao questionar principalmente o que se toma por verdade, num determinado contexto, e quem pode ser esse sujeito da verdade.

O percurso que tentarei trazer agora é uma tentativa de historiar, não linearmente pelos conteúdos, mas através da minha própria trajetória de estudos, o modo como meu pensamento de início foi levado por obrigações acadêmicas, e posteriormente quis escapar para outros caminhos possíveis, sobre os estudos de jornalismo e poder, e de que forma esses temas se relacionaram neste desencaminhar. Para num segundo momento dar relevância a uma experiência de jornalismo que fugiu dos padrões por dentro dos próprios meios, ousou pensar e praticar um jornalismo outro.

2 – Os caminhos do jornalismo como um exercício de poder

Historicamente, desde que se iniciou como uma prática profissional, o jornalismo é tratado por muitos como um quarto poder, um poder que, representando uma sociedade civil, fiscalizaria as ações dos outros três poderes instituídos nas democracias burguesas, após as revoluções liberais do final do século XVIII no Ocidente. “O ideal liberal iluminista pressupunha, além da liberdade de expressão individual, uma imprensa independente, livre da censura do Estado, formadora da opinião pública e exercendo o papel de 'contrapoder' em relação aos três poderes concebidos por Montesquieu — o Executivo, o Legislativo e o Judiciário”⁵.

O alemão Habermas⁶ é um dos pensadores que mais abordou o tema, de como a burguesia teria conseguido derrotar as monarquias absolutistas e subir ao poder no final do século XVIII, não só pela luta armada, mas ao espalhar os ideais democráticos burgueses dentro do que se chamou de Esfera Pública. E foi nesse contexto de divulgação para a aceitação destas novas ideias democráticas, junto com a melhoria dos meios técnicos, que uma imprensa profissional teria surgido.

Como na imagem da montanha-russa, proposta por Nicolau Sevcenko (2001), o Jornalismo também foi um dos vagões a seguir os trilhos de caminhos sinuosos que a ciência percorreu do século XVI até a contemporaneidade (há registros de comunicação pública, de publicações escritas desde a Acta Diurna, em 69 a.C., na época do imperador romano Júlio Cesar, mas convencionou-se dizer que a imprensa surge com a invenção da prensa móvel e da impressão em tipos móveis por Johannes Gutenberg, no século XV) passando pelas três fases propostas pelo autor, com todos os exageros que tal analogia comporta.

A primeira fase, que vai até o século XIX, da subida contínua, metódica, quando as elites da Europa ocidental conseguiram um grande poderio técnico sobre as forças naturais, ao garantir fontes de energia mais potentes, e um progresso nunca antes visto sobre as coisas e as pessoas.⁷ A sensação é de euforia crescente, de alcançar um topo nunca antes possível.

5 - LIMA, Venício Artur. A ilusão do quarto poder. In: <http://www.teoriaedebate.org.br/colunas/midia/ilusao-do-quarto-poder>

6 – HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

7 - SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.14-15

No século XIX, enquanto o desenvolvimento da tecnologia das prensas rotativas era alvo de disputa principalmente entre Estados Unidos e Grã-Bretanha, o termo quarto poder se faz título do livro - sobre a imprensa - do jornalista F. Knight Hunt. Muito embora a autoria do termo seja atribuída ao historiador inglês Macaulay, ao se referir à Galeria de Imprensa do Parlamento britânico, e do próprio conceito de “'estado' ou 'poder' – espiritual, temporal e comum – haver sido quebrado na França revolucionária⁸.

Nelson Traquina⁹ aponta que o jornalismo encontrou amparo no conceito liberal de opinião pública, nos finais do século XVII e XVIII, e nas teorias democráticas do século XIX. “O novo designado 'Quarto Poder' a imprensa, o jornalismo, necessitava de uma legitimidade para tranquilizar os receios, justificar o seu lugar crescente na sociedade, e dar cobertura a um negócio rentável”¹⁰

E essa busca por um lugar próprio, por um espaço de atuação de direito nessa nova constituição política da sociedade, precisava de um saber, de um arcabouço técnico-científico que o sustentasse. Inspirada pelo positivismo do filósofo francês Augusto Comte, surgiu a primeira teoria sobre o tema: o jornalismo como espelho da realidade. Já em meados do século XIX, tentava-se fugir do ímpeto do que foram as revoluções liberais, e separar, dentro das próprias publicações, o que seria opinião do que seria informação.

Seguindo a imagem da montanha-russa, no segundo momento, que vai até o século XX, o vagão da história é jogado “numa queda vertiginosa, perdendo as referências do espaço, das circunstâncias que nos cercam e até o controle das faculdades conscientes”¹¹. Sevcenko cita o momento da Revolução Científico-Tecnológica, por volta de 1870, em que o desenvolvimento e aperfeiçoamento das fontes de energia fomentou indústrias cada vez mais pujantes, os meios de transporte e de comunicação.¹²

8 - BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. P.197

9 - TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2.ed., 2005.

10 - (IDEM) p.46

11 - SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.15

12 - SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.15-16

Nas práticas jornalísticas do início do século XX, ainda se valorizava a objetividade cartesiana do jornalista desinteressado, que busca dizer sempre a verdade, através de métodos específicos neutros e imparciais de pesquisa. Gaye Tuchman¹³ diz que a objetividade pode ser vista como um ritual estratégico, protegendo os jornalistas, ao reivindicar os procedimentos/atributos formais que seguiu, dos riscos de sua profissão.

Atualmente, em pleno século XXI, ainda é esse o modelo de profissionalismo no jornalismo ensinado tanto nos cursos superiores quanto nas redações da maioria dos veículos de notícias. Citando Itzhak Roeh, Nelson Traquina indica a aversão que uma certa “classe jornalística” tem quando lhe é dito que o que ele produz são narrativas e não relatos.

O fenômeno mais impressionante no jornalismo ocidental, tanto na práxis como na teoria, é a fé metafísica obstinada e conservadora de que a linguagem é transparente. Ou, de outra forma: o erro assenta na recusa dos jornalistas, mas também dos estudantes de jornalismo, em situar a profissão onde esta pertence, isto é, no contexto da expressão humana da atividade expressiva. É a recusa de lidar com a escrita das notícias por aquilo que é na essência – contar 'estórias'¹⁴.

Porém, para Sevcenko, o otimismo gerado na passagem se transformou em outros sentimentos no decorrer do século XX, quando toda a tecnologia possível voltou-se para as guerras, ou para a possibilidade delas, em que qualquer avanço, antes comemorado, pareceria um apocalipse iminente". Primeira e segunda guerras mundiais, Guerra Fria e o aumento do poderio militar mundialmente engrossavam o caldo do medo instaurado.¹⁵

Ainda na primeira metade do século XX, outras ciências modernas começaram a basear seus estudos sobre o jornalismo literalmente dentro das próprias rotinas jornalísticas. David Manning White, professor da Universidade de Boston, estudou como era controlado o fluxo de notícias pelo que chamou de gates (portões), através dos próprios gatekeepers (guardiões dos portões) – ou seja, ele procurou saber quais eram os critérios utilizados pelos próprios jornalistas que faziam um certo fato virar notícia ou não.

13 - TRAQUINA, 2005.

14 - In TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2.ed., 2008.

15 - SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.15-16

De certa forma, já há uma mudança drástica de perspectiva aí em relação à Teoria do Espelho. O estudo começou a perceber que, apesar de obedecer a certos critérios, são alguns dos próprios jornalistas que acabam decidindo, através de suas próprias experiências pessoais, o que vai ser publicado. As notícias teriam sempre a marca de quem as produz, sendo fruto da interação desta ação pessoal com outras (social, organizacional, ideológica, do meio, físico-tecnológica e histórica) envolvidas no processo¹⁶.

Já nos anos 50, o sociólogo americano Warren Breed começa a estudar o processo de profissionalização das práticas por parte das empresas de comunicação e dos seus empregados. O jornalismo então foi aos poucos assimilando estudos da Administração e da Psicologia Organizacional, e passou a ser visto como um mercado produtor de notícias, que visa o lucro como outro qualquer¹⁷.

Nessa perspectiva, o setor comercial dos meios passa a ser tão importante quanto a redação, e o espaço/tempo dado à publicidade é no mínimo igual ao das notícias nos veículos de comunicação. Os jornalistas seriam meras ferramentas da política editorial da empresa – ou seja, da opinião dos editores e principalmente dos donos do jornal e seus pares – e passariam por mecanismos de recompensas e punições, nem sempre explícitos, no interior da organização. “A dimensão econômica enfatiza a percepção da notícia como um produto que deve ser inserido na relação existente entre o produtor e o cliente e satisfazer as exigências do cliente”¹⁸

Dentro dessa lógica da empresa, o jornalista estaria conformado e balizaria sua prática não em relação ao público, mas para o próprio mercado jornalístico, até mesmo para guinar sua carreira profissional. Os constrangimentos profissionais seriam as barreiras/oportunidades para os jornalistas conseguirem se destacar¹⁹.

Mais conhecido como agenda setting, os primeiros estudos sobre o agendamento surgiram nos Estados Unidos nos anos 70 do século XX, com Maxwell McCombs e Donald Shaw, ainda influenciados pela obra *Public Opinion*, de Walter Lippmann. Os pesquisadores investigavam como os meios de comunicação, já “massificados”, influenciavam a formação da opinião pública.

16 - SOUZA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.

17 - TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Porque as notícias são como são. 2. ed., Florianópolis: Insular, 2005.

18 - TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Florianópolis: Insular, 2.ed., 2005. p.160

19 - (IDEM)

A tese principal era de como a mídia, “pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá”²⁰.

Dessa forma, os meios de comunicação de massa teriam o poder de pautar as conversas do seu “consumidor de notícia”, ou de, pelo menos, forçar esse público a dar valor a determinados assuntos em detrimento de outros. McCombs e Shaw basearam seus estudos principalmente nas campanhas eleitorais e perceberam que os assuntos considerados mais importantes pelos eleitores eram justamente os que tinham sido mais expostos pela mídia.

Também nos anos 70 do século passado, principalmente nos Estados Unidos, pesquisadores começaram a questionar definitivamente a imparcialidade no jornalismo e a se interessar pelo que chamavam de ideologia. Os instrumentalistas, fossem de esquerda ou de direita, tratavam as notícias como instrumentos políticos para determinados interesses. Os da direita acusam uma suposta classe de jornalistas burocratas, ora influenciadas pelo Estado, de distorcer a realidade para propagar ideias anticapitalistas, enquanto que os da esquerda, em maior número, diziam que os grandes meios de comunicação trabalham para manter o status quo do sistema capitalista²¹.

O interessante é que a crítica feita a estes teóricos, de um lado ou de outro, é a mesma: se é o jornalismo que está “distorcendo” a visão das pessoas, será que existe uma visão “pura” da realidade em outro local, de fora das notícias, que possa ser reproduzida?²². Por esta visão, todas as notícias são propagandas, para um lado e para o outro, e os jornalistas são meras ferramentas dos donos da mídia, sem autonomia.

Ainda nessa perspectiva, de procurar quem de fato “manipula” as notícias, a Teoria Estruturalista tenta buscar uma explicação, um “culpado”, também nas próprias fontes. Estas, além de terem explicitamente interesse em que aquele determinado assunto seja publicado daquela maneira, recebem o estatuto de “detentoras da verdade”, quando são “especialistas” no tema, ou mesmo autoridades oficiais. Diante disso, os jornalistas acabariam a mercê destes “definidores primários”, que de fato pautariam o noticiário²³.

Se por um lado esta teoria é deveras determinista ao afirmar que a ideologia dominante é a que prevalece, desde a escolha das fontes, por outro começa a ficar claro que o jornalista está

20 - BARROS FILHO, Clóvis de. Ética na Comunicação: da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 2001.

21 - TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. Porque as notícias são como são. 2. ed., Florianópolis: Insular, 2005.

22 - BARREIRA, Bruno Barros. Teorias e Técnicas do Jornalismo e da Comunicação. Rio de Janeiro: Independente, 2013.

23 - PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2005.

enredado por relações de poder, e que o seu trabalho é sempre caminhar por essa teia de interesses sabendo que, de qualquer forma, estará publicando uma realidade enviesada. “(...) para os defensores desta teoria, o processo de produção das notícias não só pressupõe a natureza consensual da sociedade como sublinha o papel das notícias no reforço da construção da sociedade como consensual”²⁴.

As teorias construcionistas, em especial a do Newsmaking, aparecem também no bojo da efervescência dos estudos acadêmicos dos anos 70 para, literalmente, quebrar a Teoria do Espelho. Assim sendo, o jornalismo seria incapaz de refletir a realidade de maneira objetiva, neutra e imparcial, e a própria mídia ajuda a construir uma visão de mundo por muitas vezes longe do real. O que não implica que as notícias sejam sempre falsas, mas sempre produções determinadas por vários fatores condicionantes e variáveis. Ou seja, é preciso levar em conta sua dimensão cultural, a estrutura organizacional do meio e suas limitações²⁵.

A teoria vai além e começa a acompanhar o modo de produção de notícias como uma rotina industrial, identificando os processos ali envolvidos e levando em conta que há uma superabundância de fatos no cotidiano. Assim, algumas práticas adotadas pelos profissionais são explicitadas: critérios de noticiabilidade (o que vai entrar ou não naquela publicação), sistematização de funções (pauta, reportagem e edição) e elaboração dos valores “notícia” (o que os fatos precisam “ter” para terem maior ou menor destaque na publicação – de acordo com convenções mercadológicas/culturais).

Ao tratar a notícia como narrativa (ou o que se chamou um dia de estória) pode se observar então a sua dimensão cultural, e foi com esse novo paradigma, aliado a abordagens etnometodológicas, que os pesquisadores da década de 70 voltaram-se para as redações, aos locais onde as notícias eram produzidas.

Também na efervescência dos anos 70 e 80 do século XX, o jornalista brasileiro Cláudio Abramo²⁶ elaborou algumas das mais fortes e provocativas críticas ao jornalismo e às práticas jornalísticas, feitas de dentro para fora das redações. Apesar de não ter proposto nenhuma teoria

24 - TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2.ed., 2005. p.177

25 - BARREIRA, Bruno Barros. Teorias e Técnicas do Jornalismo e da Comunicação. Rio de Janeiro: Independente, 2013.

26 - ABRAMO, Cláudio. A Regra do Jogo – O jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

acadêmica (embora chegasse a lecionar, por pouco tempo, como professor Notório Saber da Universidade de São Paulo - USP) sobre esses temas, seus depoimentos e artigos (a maioria deles publicados em jornal) acabaram por compor uma das mais ricas contribuições aos estudos do jornalismo, o que acabou gerando muitas retaliações na carreira de Abramo, num Brasil do contexto da ditadura militar, que privilegiava a censura.

Nos seus escritos, Abramo destacou principalmente as suas experiências vividas nas rotinas produtivas, nos processos de produção das notícias e nos fatores econômicos que influenciavam na apuração e abordagem dos fatos, desmistificando a posição privilegiada do jornalista, presente nos estudos que o tratavam como um poder em si.

Como todo jornalista é candidato a intelectual – embora não seja, jornalista é só o sujeito que trabalha em jornal —, abriga a ilusão de que tem poder. Mas, no jornal, o poder é do dono. Tenho uma coluna na Folha de S. Paulo e, porque escrevo ali, as pessoas pensam que sou um homem de prestígio. Mas se amanhã o dono resolver me colocar no olho da rua, tudo isso desaparece, porque o espaço é dele, e ele me paga para escrever ali²⁷

Abramo também não concorda em se discutir uma ética própria ao jornalista, trazendo a justificativa de uma ética liberal, do conceito de cidadania. O interessante é que ele defende tal postura não através de um texto acadêmico, cheio de citações de outros autores, mas numa escrita direta, num relato jornalístico.

Sou jornalista, mas gosto mesmo é de marcenaria. Gosto de fazer móveis, cadeiras, e minha ética como marceneiro é igual à minha ética como jornalista – não tenho duas. Não existe uma ética específica do jornalista: sua ética é a mesma do cidadão²⁸

O autor também não aceita parâmetros como o da objetividade, neutralidade e imparcialidade como metas a serem buscadas, ideais da ciência positivista que permanecem até hoje nos grandes meios de comunicação.

O jornalista não pode ser despido de opinião política. A posição que considera o jornalista um ser separado da humanidade é uma bobagem. A própria objetividade é mal-administrada, porque se mistura com a necessidade de não se envolver, o que cria uma contradição na própria formulação política do trabalho jornalístico²⁹

27 - (IDEM). P. 163

28 - (IDEM). P. 109

29 - (IDEM). P. 109

Ao se considerar um profissional em extinção, Abramo nunca escondeu as motivações das suas práticas e a necessidade que via de uma vinculação quase carnal do profissional com a verdade que transmitia. A busca parece ser não da verdade única, hermética, mas da visão que transforma o que está dado.

No meu caso, antes de ser jornalista, sou um ser político; o que me interessa de fato é fazer política, é mudar a sociedade brasileira. Para mim, o jornalismo foi frequentemente um instrumento que usei em benefício das minhas ideias. Como acho que a realidade brasileira é cruel demais, me achava na obrigação de mudá-la, mas isso não quer dizer que seja obrigação de todo jornalista³⁰

Utilizando parte do que disseram boa parte dos teóricos já apresentados, Jorge Pedro Sousa tentou construir uma “teoria unificada da notícia”, num sentido quase matemático. Ele acreditava que, mesmo abordando diferentes aspectos, as teorias não tinham respondido anteriormente três questões básicas e essenciais: O que são notícias? Por que elas são como são? Quais os efeitos da notícia?

Para estabelecer um possível paradigma para a questão, Sousa diz que a notícia seria o resultado da interação simultaneamente histórica e presente de forças de matriz pessoal (Fp), social (organizacional – Fso - e extraorganizacional – Fseo-), ideológica (Fi), cultural (Fc), histórica (Fh), do meio físico (Fmf) e dos dispositivos tecnológicos (Fdt), tendo efeitos cognitivos, afetivos e comportamentais sobre as pessoas, o que por sua vez produz efeitos de mudança ou permanência e de formação de referências sobre as sociedades, as culturas e as civilizações³¹.

O autor fez questão de elaborar inclusive uma fórmula matemática do seu conceito, na qual a notícia (N) é o produto de todas essas forças - $N = f(Fp.Fso.Fseo.Fi.Fc.Fh.Fmf.Fdt)$. A ideia de Sousa era criar um possível consenso entre as teorias já consagradas sobre as notícias e seus efeitos, “obedecendo aos critérios que devem ser tidos em conta quando se propõe uma teoria científica: clareza, brevidade, capacidade de previsão. Quando uma notícia vier a contradizer a teoria, será, então, altura de rever a teoria e, eventualmente, de a substituir”³².

30 - (IDEM). p.120

31 - SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. Pauta Geral, ano 10, n.º 5, 2003.

32 - (IDEM)

Nos anos 60 do século passado, a socióloga e cientista política alemã Elisabeth Noelle-Neuman concebeu a ideia de Espiral do Silêncio, com base nas pesquisas que fazia sobre os efeitos dos meios de comunicação de massa. A ideia básica é que as pessoas que têm uma opinião/um ponto de vista minoritário tendem a cair no silêncio ou no conformismo, quando confrontados com a “opinião pública geral”³³. A opinião individual, portanto, passa sempre pelo crivo do coletivo e das opiniões ditas dominantes, que tendem a preponderar nos grandes meios de comunicação.

A teoria se baseia em três mecanismos através dos quais a mídia trabalha: a acumulação, quando determinados temas são expostos em excesso pelos meios; a consonância, quando os meios produzem e veiculam as notícias de forma semelhante, quase que em “coro”; e a ubiquidade, principalmente agora com as novas tecnologias, em que parece que a mídia está em todos os lugares. O problema maior desta teoria, apontado pela própria Noelle-Neuman e outros autores, é definir como é formada esta tal opinião pública, caracterizada por seu poder dominante que exerce, tanto no Governo, como em cada elemento, indivíduo, que compõe uma sociedade³⁴.

Ao concluir os seus estudos sobre as teorias do jornalismo, ou basicamente, de como a prática jornalística tentou se legitimar/constituir ou não como um poder, no sentido positivista, Nelson Traquina (2005) finaliza: “(...) defendemos a posição de que seria mais correto afirmar que o jornalismo é um Quarto Poder que defende sobretudo o status quo, mas periodicamente realiza o seu potencial de contra-poder”³⁵.

Moretzsohn (2007) afirma que a naturalização deste quarto poder é assentada ainda no princípio da objetividade, em que os fatos fariam por si, escondendo todo o processo de produção jornalístico. “É claro que esse enfoque leva à condenação da subjetividade do jornalista – e de sua intervenção como intérprete dos acontecimentos que relata – como uma indesejada e mesmo antiética 'interferência' na transmissão da informação”.³⁶ Um jornalista isento, de mãos limpas, que seguisse os manuais de redação e atuação, não teria responsabilidade sobre o que produz de notícia.

33 - MIDÕES, Miguel. Caso Esmeralda e a Espiral do Silêncio de Elisabeth Noelle-Neumann. Artigo disponível em <<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/midoes-miguel-caso-esmeralda-espisal-do-silencio.pdf>>>. Visita em 1o de dezembro de 2014.

34 - (IDEM)

35 - TRAQUINA, Nelson (org.).Jornalismo:questões, teorias e “estórias”. Florianópolis:Insular, 2.ed., 2005. p. 201.

36 - MORETZSOHN, Sylvia. Pensando contra os fatos – Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan. 2007. p.119.

A supressão deste processo de produção – e consequentemente, nesta lógica, da interferência humana – se torna ainda mais evidente nas práticas contemporâneas, turbinadas por aparatos tecnológicos. “A valorização da comunicação instantânea, viabilizada pelo desenvolvimento tecnológico e transformada num fetiche do mundo contemporâneo, produz uma aparência de supressão do trabalho de mediação, com a ênfase nas transmissões ao vivo e a ilusão induzida pelo suposto caráter revelador ('transparente') da imagem”³⁷.

Tudo isso faz lembrar da terceira fase da brincadeira perigosa da montanha-russa em que nos metemos, a do loop, o movimento extremo que relaxa “nosso impulso de reagir, entregando os pontos entorpecidos, aceitando resignadamente ser conduzidos até o fim pelo maquinismo titânico”. É o período em que vivemos, da Revolução Microeletrônica, quando o ritmo de inovação e a ampliação do universo de possibilidades e expectativas é tão grande que o aparato tecnológico disponível torna-se “cada vez mais imprevisível, irresistível e incompreensível. Sendo assim, sentindo-nos incapazes de prever, resistir ou entender o rumo em que as coisas tomam, tendemos a adotar a tradicional estratégia de relaxar e gozar”.³⁸

A ideia do passeio de Sevcenko é de que nós não devemos ceder a essa síndrome do loop, a esse efeito desorientador que as rápidas mudanças técnicas/tecnológicas na passagem do século XX ao XXI proporcionaram, que levariam a um certo conformismo e a quase abolição da crítica, enquanto contrapartida cultural, frente a todas essas mudanças³⁹.

Os incrementos tecnológicos no jornalismo atual, inclusive com o uso de drones, espécies de helicópteros-robôs de controle remoto com câmeras acopladas transmitindo pela internet em tempo real os acontecimentos, e a participação dos próprios leitores mandando informações, fotos e vídeos, via smartphones, antes mesmo da chegada de qualquer veículo jornalístico, chegaram a colocar em xeque a própria função do jornalista – se for essa apenas a de informar, produzir notícias -, já que o real está chegando muito mais rápido nos grupos de whatsapp, sem esperar pelo crivo da mídia tradicional.

Sevcenko então aponta para três movimentos que podem servir para uma maior reflexão, tanto para os interesses das gerações atuais quanto para a sobrevivência e a qualidade de vida das gerações futuras.

37 - (IDEM) – p. 143.

38 - SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.16-17.

39 - SEVCENKO, 2001. P.17.

O primeiro consiste em conseguirmos desprender-nos do ritmo acelerado das mudanças atuais, a fim de obter uma posição de distanciamento a partir da qual possamos articular um discernimento crítico que nunca conseguiríamos estabelecer se nos mantivéssemos colados às vicissitudes das próprias transformações. O segundo requer que recuperemos o tempo da própria sociedade, ou seja, o tempo histórico, aquele que nos fornece o contexto no interior do qual podemos avaliar a escala, a natureza, a dinâmica e os efeitos da mudança em curso, bem como quem são seus beneficiários e a quem elas prejudicam. O terceiro movimento seria, então, o de sondar o futuro a partir da crítica em perspectiva histórica, dessa forma, ponderando de que forma essas novas técnicas serão usadas e como podem ser melhor aproveitadas⁴⁰.

A ideia do loop de Sevcenko é bastante interessante para entender o modo atordoadado como a maior parte dos teóricos do jornalismo tentou entender as práticas jornalísticas, vez por outra caindo nos tecnicismos dos manuais. Entendo o distanciamento necessário para fugir desse loop não como uma fuga impossível da realidade, nem como uma pretensão de imparcialidade, mas como um posicionamento do método genealógico dos estudos de Michel Foucault, para marcar a singularidade dos acontecimentos na sua perspectiva histórica.

(...) longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram (Platão em Siracusa não se transformou em Maomé)⁴¹

Fugindo de qualquer nova teorização melhor ou mais correta sobre o jornalismo, o trabalho que proponho aqui tem a intenção justamente o de reafirmar a importância da crítica, sem fatalismo quanto aos incrementos diários das tecnologias e sem a demonização/exacerbação das práticas jornalísticas, principalmente dos grandes meios de comunicação (que vivemos inclinados a negatizar sem pestanejar, sem enxergar as fugas e espaços possíveis) experimentando conceitos foucaultianos num campo que segue com tanta potencialidade.

40 - SEVCENKO, Nicolau, 2001. P.19

41 - FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: Microfísica do poder, 1996b. P.12.

3. Um empirismo cego, tateando as relações de saber-poder

Na introdução do livro *Poder no Jornalismo*⁴², o experiente jornalista Eugênio Bucci foge um pouco das análises tradicionais ao descrever o papel do jornalismo como o de ordenador.

A ideia de que as notícias do jornal ‘retratam a realidade’ não faz sentido. Não que os jornais mintam, distorçam, manipulem. Não é isso. Admitamos que os grandes veículos da imprensa se esforcem na direção da objetividade e da verdade factual. Admitamos, mais ainda, que eles sejam bem-sucedidos neste esforço. Mesmo assim, a ideia de que eles ‘retratam a realidade’ não faz sentido. Faria mais sentido dizer que eles consolidam a realidade, ou aquilo a que chamamos, muito precariamente, de realidade⁴³

O argumento de Bucci é que existiria algo na “natureza dos fatos” que escapa, que já é desde sempre relato. “(...) o relato jornalístico ordena e, por definição, constitui a realidade que ele mesmo apresenta como sendo a realidade feita de fatos”⁴⁴. Dessa forma, não há um mundo real puro e intocado, conhecido por todos, prestes a ter suas mudanças exploradas e descrito pelo jornalista ao público em geral; a própria realidade depende da ordenação, de uma criação produzida pelas notícias.

O discurso jornalístico, de que o profissional de imprensa é o operador, supõe-se baseado na premissa de que os eventos se sucedem independentemente da presença ou do olhar do observador, premissa que foi abandonada até mesmo pela Física, há coisa de quase um século, com o advento da Mecânica Quântica. Por isso o jornalismo ainda não se sabe, e não se deixa saber, como um fator essencial – talvez o fator – para a constituição do fato que relata⁴⁵

O jornalista e professor relembra algo que parece que boa parte dos meios de comunicação do Brasil, em pleno século XXI, não admitem ou fingem esquecer: que produzem uma realidade própria, condicionada em discursos, que ganham mais legitimidade justamente por serem reproduzidas midiaticamente.

Por discurso, entendo aqui, como Gomes (2002), uma unidade de conteúdo que organiza as significações em direção a um sentido, que por sua vez organiza uma concepção de mundo, de homem, de saber e de sociabilidade. “Nesse entendimento fica claro que as normas, tanto as morais

42 - GOMES, Mayra. *Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar*. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003.

43 - GOMES, Mayra. 2003, p.9.

44 - (IDEM)

45 - (IDEM) p.11

quanto as jurídicas, se organizam em discursos sob a égide de outros discursos que fundam sua legitimidade. Quer sejam da tradição oral ou estabelecidos em livros, são nos discursos que as normas encontram sua expressão”⁴⁶. Logo, os discursos da mídia se encontram embrenhados em toda uma rede de discursos possíveis, mesmo que por vezes se contradigam ou se anulem entre si.

Porém, a discussão passa longe de querer acusar o jornalismo pelos mesmos valores, ou pelos mesmos termos discutíveis, que boa parte da mídia tradicional justamente tenta se sustentar.

(...) a questão se escamoteia, pois não se trata da verdade, ou da maior aproximação da verdade, em um ou outro. Está em questão a produção da verdade, porque vivida como tal, a cada discurso. Trata-se sobretudo da vontade de verdade, da vontade de saber, como Foucault a coloca, manifestando-se a cada nova resolução: a cada produção de verdade⁴⁷

Não é buscar uma nova teoria que seja a mais verdadeira, é olhar a própria produção da verdade (e principalmente o que é chamado de verdade) por uma outra perspectiva. Gomes (2003) retoma a origem panfletária do jornalismo, de uma prática que surgiu – ainda nas revoluções europeias do final do século XVIII – em torno de ideais que buscavam uma verdade central, que nortearia o certo do errado, o bem e o mal. “É por isso, por uma vontade de verdade, que o jornalismo se faz crítico, e é por uma carência que ele se faz um discurso fundado na referencialidade: sempre testemunhando sua palavra, sempre apresentando provas, ou ao menos simulando apresentá-las”⁴⁸.

A impressão é que desde sempre, independente de uma ou de outra evolução tecnológica, as práticas jornalísticas sempre tentaram se estabelecer enquanto uma ciência, enquanto algo a ser levado em conta justamente por essa pretensão de deter “a” verdade, que Foucault entende como “(...) o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros”⁴⁹.

46 – GOMES, Mayra Rodrigues. *Ética e Jornalismo: uma cartografia dos valores*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. P. 24.

47 – GOMES, 2002. P. 30.

48 - GOMES, 2003. P.15

49 – FOUCAULT, Michel. *Poder e Saber*. In: *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003. P.233.

O que interessa é o processo de produção daquele enunciado, verdadeiro ou não, mas que continua produzindo efeitos, baseados em quem a produz, ou seja:

(...) quando alguém na posição de um locutor de rádio ou de televisão anuncia alguma coisa, que pode ser verdade ou não, que cada um acredita ou não, mas que funciona na cabeça de milhares de pessoas como verdade, porque foi pronunciada daquela maneira, naquele tom, por aquela pessoa (com aquele “estatuto”), naquela hora⁵⁰

Sobre essa verdade, ou melhor, as produções de verdade, como diria o próprio Foucault ao pensar a sociedade ocidental, não podem ser dissociadas do poder dos mecanismos de poder. “Ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam”⁵¹. Fugindo de qualquer rótulo teórico, ao fazer esse trabalho, Foucault se considera um “empirista cego nas camadas de relação”⁵², ao definir sua atitude de pesquisador sem uma teoria geral ou um instrumento certo onde pudesse se fixar para fazer suas pesquisas.

Ainda experienciando conceitos de Michel Foucault, Gomes (2003) destoa dos teóricos que colocam o jornalismo como um poder, intrínseco e centralizado, por uma noção mais positiva e permeável. “Se Foucault parte de algumas propostas, como a de não recair na análise do poder como aparelho de Estado, preso à economia ou como repressão, é justamente para fazer emergir essa propriedade constitutiva do poder pensado como relação de forças: ele constrói não só verdades, mas o que nelas está implicado: todo o corpo social; ele perpassa dominantes e dominados da mesma forma, sobretudo com isto não está em nenhum lugar”⁵³. Essa ideia de poder aqui serve muito bem às análises do jornalismo em pelo menos dois aspectos que não se anulam entre si: o jornalismo, a mídia como um todo, não carrega mais o fardo de ser um poder, e logo não deve ser demonizado; ao mesmo tempo, a mídia continua com sua influência de produzir verdades, estas sim, que podem ser postas em análise o tempo todo.

Pensar sob essa ótica dá todo um novo campo, uma nova perspectiva para o jornalismo sem teorizações determinantes e fechadas. Se o poder não está nas mãos dos meios, não dá para

50 - FOUCAULT, 2003. P.233.

51 - FOUCAULT, 2003. P.229.

52 - (IDEM)

53 - GOMES, 2003. P.46

achar que está tudo dominado pelos grandes meios de comunicação, em definitivo. “De fato, as relações de poder são relações de força, enfrentamentos, portanto, sempre reversíveis”⁵⁴. Há sempre uma possibilidade de resistência, nesta luta perpétua e multiforme.

O jornalismo não seria então um poder por si só, e sim um espaço privilegiado (para a análise) de atravessamentos dos discursos, pontos em que o poder, melhor, as relações de poder, se realizam numa rede microfísica.

A ocorrência do 11 de setembro de 2001 e os eventos subsequentes, como abordados pela mídia, são exemplos dessa circunstância. Tudo que vemos desses fatos é a visada ocidental reforçando posições de poder. É certo que todos nós temos preferências, e argumentos verdadeiros a sustentá-las. Se para além delas conseguirmos ver a operação da circunscrição, a ordenação realizada que se entranha com sutileza em todos as materialidades e imaterialidades do mundo, estaremos próximos da visão do poder em sua capilaridade⁵⁵

Sendo assim, trabalhar com a lente Foucault é tratar o poder não enquanto tendo origem única, emanada do Estado ou do aparelho estatal. Mas ver “como na vida cotidiana, nas relações entre os sexos, nas famílias, entre os doentes mentais e as pessoas sensatas, entre os doentes e os médicos, enfim, em tudo isso há inflação de poder”⁵⁶.

Pelas teorias do jornalismo já apresentadas e as aproximações iniciadas por Mayra Gomes, percebem-se as potencialidades de uma experiência foucaultiana, uma tentativa de olhar experienciado em Michel Foucault poderia trazer uma perspectiva outra, para as discussões sobre o jornalismo, que tendem a cair, ora no loop atordoante de Sevcenko, ora numa demonização completa, porém sempre oportunista e infértil, sobre o jornalismo. Nas palavras do próprio Foucault:

Reclamamos sempre que os meios de comunicação de massa entopem a cabeça das pessoas. Nessa ideia, há misantropia. Creio, ao contrário, que as pessoas reagem: quanto mais se tenta convencê-las, mais elas se interrogam. A inteligência das pessoas não é uma cera moldável. É uma substância que reage. O desejo de saber mais, e melhor, e outra coisa cresce à medida que se quer entupir a cabeça das pessoas⁵⁷

54 - FOUCAULT, 2003. P.232.

55 - GOMES, 2003. P.103

56 - FOUCAULT, 2003. P.233.

57 - FOUCAULT, Michel. O Filósofo Mascarado. In Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. P.303.

Em diversos momentos de sua obra, Foucault circundou o tema do jornalismo e da imprensa, da própria forma, nunca tentando produzir uma teoria fechada ou uma análise final sobre os temas. Por muitas vezes, inclusive, os textos e relatos produzidos por ele podem ser chamados de jornalísticos, foram escritos até por estar a serviço de um jornal (como correspondente especial do *Corriere della Sera* e do *Nouvel Observateur*, em 1978, no Irã no contexto da revolução), apesar de ele nunca ter se considerado como um jornalista. Se o jornalismo sempre tentou se sustentar como bastião da verdade, o pensamento de Foucault pode servir para colocar essa prática em análise. “O que é filosofia senão uma maneira de refletir, não exatamente sobre o que é verdadeiro e sobre o que é falso, mas sobre nossa relação com a verdade? (...) É filosofia o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras do jogo”⁵⁸.

Pela minha experiência com os trabalhos de Foucault, percebi algumas pistas de como a pesquisa poderia se dar e ela mesma experienciar, a pesquisa construindo seus próprios descaminhos, com os conceitos e inquietações em mente, sempre em análise, mas sem determinar os resultados de antemão. Sobre o fio condutor das pesquisas, o que “existe atualmente – e é nisto que intervém a política – em nossas sociedades um certo número de questões, de problemas, de feridas, de inquietação, de angústias que são o verdadeiro motor da escolha que faço e dos alvos que procuro analisar, dos objetos que procuro analisar, e da maneira que tenho de analisá-los. É o que somos – os conflitos, as tensões, as angústias que nos atravessam – que, finalmente, é o solo, não ousou dizer sólido, pois por definição ele é minado, perigoso, o solo sobre o qual eu me desloco”⁵⁹.

Sobre pesquisa em jornalismo, o próprio Michel Foucault, sendo entrevistado como um Filósofo Mascarado em 1980, já enxergava uma relação não de disputa por informação, de oposição, mas de certa complementaridade entre as mídias e as universidades. “O problema é saber como fazer agir as diferenças; é saber se é preciso instaurar uma zona reservada, um 'parque cultural' para as espécies frágeis de sábios ameaçados pelos grandes predadores da informação, enquanto todo o restante dos espaço seria um vasto mercado para os produtos descartáveis. Tal

58 - FOUCAULT, 2000. P.305.

59 - FOUCAULT, 2003. P.230.

partilha não me parece corresponder à realidade. Pior: não é absolutamente desejável. Para que atuem as diferenças úteis, é preciso que não haja essa partilha”⁶⁰.

Pensar Foucault em Jornalismo, para mim, é também pensar nas possibilidades de “fuga do loop” contemporâneo apontado por Sevcenko⁶¹, através de uma crítica outra, perspectiva outra, possíveis através dos conceitos foucaultianos. Os corpos dóceis da atualidade, superutilizados economicamente e exaustos, em termos políticos de obediência, acabam tornando-se alvos dos novos mecanismos de poder, oferecendo-se a novas formas de saber.

Esse corpo, “ao qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e 'celular', mas também natural e 'orgânica’”⁶². As práticas jornalísticas, que produzem informações, verdades e realidades, auxiliariam os próprios corpos, que nem precisariam ser convencidos a entrar numa maquinaria de poder, que os esquadrinha, os desarticula e os recompõe⁶³.

Esse é o esquema utilitário utilizado pelo liberalismo, principalmente após o século XVIII, no qual a obediência é efeito de um exercício, que é inversamente proporcional aos modos de resistência às disciplinas liberais. Esse “exercício” de que fala Foucault não é mais aquele ascético ou místico de outrora, mas de economia do tempo da vida, para acumular esse tempo de forma útil, e para exercer o poder sobre os homens por meio do tempo assim arrumado. O exercício não é mais para uma vida além, a salvação para os ascetas, mas para uma sujeição que nunca terminou de se completar⁶⁴.

É bom salientar que Foucault não quis fazer uma história das diversas instituições disciplinares – a escola, a prisão, o convento –, mas localizar momentos destas técnicas, sempre minuciosas. “(...) Muitas vezes ínfimas, mas que tem sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova 'microfísica' do poder. A disciplina é uma anatomia política do detalhe⁶⁵”. A importância do detalhe não é exclusiva deste homem

60 - FOUCAULT, 2000. P.304.

61 - SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

62 – FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. P.131.

63 - FOUCAULT, 2004. P.118.

64 - FOUCAULT, 2004. P.136.

65 - FOUCAULT, 2004. P. 119.

disciplinado, mas é nele que se sofisticava, em que a disciplina se torna dispositivo tático do poder, sustentado por uma racionalidade econômica ou técnica das operações do corpo.

Uma das práticas nestas instituições disciplinares, que pode ser relacionada também com o jornalismo é a do exame, seja como observação regular dos pacientes no hospital, seja como troca de saberes entre professor e aluno na escola.

O exame é a técnica pela qual o poder, em vez de emitir os sinais de seu poderio, em vez de impor sua marca a seus súditos, capta-os num mecanismo de objetivação. No espaço que domina, o poder disciplinar manifesta, para o essencial, seu poderio organizando os objetos. O exame vale como cerimônia dessa objetivação⁶⁶

O exame trabalha colocando a individualidade no campo documentário, os indivíduos sob vigilância, num poder de escrita, que depois se torna código de comportamentos, de sintomas, de desempenhos, etc. Os dados individuais tornam-se registro geral, comparáveis entre si e com o todo.

Tal qual o jornalismo, o exame reduz a amplitude das coisas, transforma indivíduos em casos, em dados para o conhecimento e uma tomada para o poder. Uma objetivação de uma narrativa – das várias fontes – que vai ser capturada em nome de uma informação. Todo indivíduo passa a ser efeito e objeto de poder, efeito e objeto de saber. Esse indivíduo é o átomo fictício de uma representação 'ideológica' da sociedade.

Mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a 'disciplina'. Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele 'exclui', 'reprime', 'recalca', 'censura', 'abstrai', 'mascara', 'esconde'. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção⁶⁷

Percebo aí, mais uma vez, o poder positivado e a possibilidade de inserção das práticas jornalísticas neste processo, melhor dizendo, nestas relações. O jornalismo não é um poder em si, mas participa da produção da realidade, dos campos de objetos e rituais da verdade. Uma

66 - FOUCAULT, 2004. P.155.

67 - FOUCAULT, 2004. P.160.

perspectiva mais ampla para o que Eugênio Bucci chamou de “jornalismo ordenador”⁶⁸, na introdução do livro de Gomes (2003), já citado anteriormente neste trabalho.

Para Gilles Deleuze⁶⁹, Foucault teria inaugurado uma nova concepção de poder – nos anos 70 do século XX –, num momento em que o esquerdismo tinha problemas teóricos, contra a burguesia e o próprio marxismo, e práticos, quando tentava alcançar as lutas locais e fugir de totalizações e centralizações – busca de uma “transversalidade”.

Deleuze enxerga na obra *Vigiar e Punir*, de Foucault, uma crítica às críticas tradicionais da esquerda, uma quebra dos postulados dessa “esquerda tradicional”, do século XX. A primeira quebra diz respeito justamente a esse poder como propriedade, poder que “uma classe teria conquistado”, algo muito próximo do dito relativamente ao jornalismo como expressão das classes dominantes. Do contrário, o poder seria “menos uma propriedade que uma estratégia, e seus efeitos não são atribuíveis a uma apropriação; o poder não tem homogeneidade; define-se por singularidade, pelos pontos singulares por onde passa”⁷⁰.

Dessa forma, outra quebra aparece: o poder não pode estar localizado em algum lugar, no aparelho estatal ou na própria imprensa. Mesmo o Estado seria um efeito de conjunto, mesmo nas sociedades modernas, disciplinares, mas a “disciplina não pode ser identificada com uma instituição nem com um aparelho, exatamente porque ela é um tipo de poder, uma tecnologia, que atravessa todas as espécies de aparelhos e instituições. O poder é local porque nunca é global, mas ele não é local nem localizável porque é difuso”⁷¹.

Outra posição, tradicionalmente da esquerda tradicional marxista, que Deleuze enxerga Foucault abandonar, é o da subordinação do poder encarnado no aparelho estatal a um modo de produção, uma determinação econômica ou infraestrutura. Essa noção é bastante cara, pois uma das críticas mais fortes à imprensa, principalmente aos grandes meios, é que eles representam um poderio econômico maior, cujos interesses são sempre resguardados e levados em conta. Em oposição a esse pensamento, “o' poder tem como características a imanência de seu campo, sem unificação transcendente, a continuidade de sua linha, sem uma centralização global, a continuidade de seus segmentos sem totalização distinta: espaço serial”⁷².

68 - GOMES, 2003.

69 - DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005. P.34.

70 - DELEUZE, 2005. P.35.

71 - DELEUZE, 2005. P 35-36.

72 - DELEUZE, 2005. P.37.

Outro postulado a ser abandonado, segundo Deleuze, é o do poder como “essência ou atributo”, que qualificaria os dominantes e os distinguiria dos dominados. O poder seria antes de mais nada uma relação, um conjunto da relação de forças que passa tanto pelos dominados quanto pelos dominantes. O poder não se encerraria, não estaria garantido, no momento em que os meios de comunicação, por exemplo, produzem seus enunciados e garantiriam assim certo entendimento geral dos fatos. “A relação de poder se insere em todo lugar onde existem singularidades”⁷³.

O postulado da “modalidade” aponta o poder agindo por violência ou ideologia, ora por repressão, ora por ilusão ou propaganda. Essa é uma das críticas mais ferozes feitas aos meios de comunicação, à postura destas empresas. “A violência realmente exprime o efeito de uma força sobre qualquer coisa, objeto ou ser. Mas ela não exprime a relação de poder, a relação de força com a força. O poder produz realidade antes de reprimir, produz verdade antes de ideologizar, mascarar”⁷⁴. A repressão e a ideologia não seriam o combate das forças, mas a poeira levantada por esta relação. Novamente, percebe-se a potência gerada por esta mudança de perspectiva no olhar sobre a imprensa.

O último postulado que Deleuze enxerga ter de ser abandonado, quando nos orientamos pela obra de Foucault, é o da legalidade, o de que a lei seria a expressão do poder do Estado, resultado de paz às forças brutas ou de imposição dos mais fortes. Em contraste, a lei é sempre uma gestão dos ilegalismos, uma composição destes que são diferenciados nas formalizações. A lei não é o resultado de uma guerra, e sim a própria guerra e a “estratégia dela no ato”⁷⁵. Nessa gestão de ilegalismos, para mim, os meios de comunicação possuem um papel estratégico também de formalização de conflitos e estratégias, mesmo que não dito expressamente. A análise feita tradicionalmente deste dispositivo jornalismo seria um efeito de todos estes postulados, na medida em que a quebra destes desmancha a ideia de jornalismo enquanto instância de poder e esclarecimento.

Ao pensar o jornalismo como um dispositivo, suas curvas de visibilidade e suas curvas de enunciação, um “mingau” que mistura o visível e o enunciável, como o sistema carcerário junta numa só figura discursos e arquiteturas, programas e mecanismos, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo

73 - DELEUZE, 2005. P.38.

74 - DELEUZE, 2005. IDEM.

75 - DELEUZE, 2005. P.40.

tempo relações de poder”⁷⁶. Pensar o que o jornalismo tratou como verdade, no sentido cartesiano, é esquecer o regime de luz aplicado por este dispositivo, apagar os recortes feitos por ele. “Uma filosofia dos dispositivos é uma mudança de orientação que se separa do eterno para apreender o novo”⁷⁷.

76 - DELEUZE, 2005. P. 48.

77 - DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo?. Disponível em
<<<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.pdf>>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

4 – Um desencaminhar possível

No dia 20 de setembro de 2011, o canal de televisão fechada Globo News, (pertencente a Globosat e à Rede Globo de Televisão – maior complexo midiático da América Latina) exibiu o programa “Em Pauta”. A atração, que é apresentada de segunda a sexta-feira e tem a duração de uma hora, variando entre as 20 e 22 horas, consiste basicamente na discussão, entre jornalistas, sobre as notícias consideradas mais importantes do dia⁷⁸.

O Em Pauta, apesar de ser enquadrado na categoria “telejornal” pela grade da emissora, possui peculiaridades importantes: as notícias, geralmente já veiculadas durante o dia pela emissora, são importantes, mas ficam em segundo plano quando comparadas aos comentários dos jornalistas sobre elas; o âncora Sérgio Aguiar, apresenta as notícias e chama os outros jornalistas não de uma bancada, mas de um cenário confortável, semelhante a uma sala de casa de uma família de classe média, invariavelmente recebendo convidados neste ambiente; no telão ao fundo desta sala, três jornalistas, de três cidades diferentes (normalmente São Paulo, Brasília e Nova Iorque) dividem o espaço e a hora de comentar os fatos referentes às localidades onde estão, mostrando o alto nível da transmissão em tempo real, por satélite e internet, que o programa possui; no rodapé, além da escalada de notícias variadas, destaca-se também a exibição da hora – características da emissora, que traz notícias 24 horas.

Mas vamos ao que aconteceu no fatídico dia 20 de setembro de 2011, quando o Em Pauta recebeu como convidado – na sala de estar – o jornalista Caco Barcellos, profissional com bastante rodagem também na Rede Globo, seja como repórter investigativo ou principalmente, nos últimos anos, como apresentador do programa Profissão Repórter, que mostra o trabalho e as dificuldades de repórteres em início de carreira. O trecho do programa descrito *ipsi litteris* a seguir durou aproximadamente seis minutos, a partir das 21h14. O programa completo foi retirado do endereço eletrônico da Globo News e este trecho – que teria sido censurado logo após a exibição ao vivo – foi o único a ser recuperado em vídeo.

78 - Discussão entre Eliane Castanhêde e Caco Barcellos (trecho censurado). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=o79VPhf_2UE>>. Visita em 11/04/2015.

O programa, como um todo, teve como tema a repercussão dos grandes escândalos de corrupção que estavam desgastando a recém-eleita presidenta Dilma Rousseff, e alguns protestos contra a corrupção que estavam irrompendo pelo país⁷⁹.

APRESENTADOR (Sérgio Aguiar): “O Globo News Em Pauta está de volta, com destaques do noticiário nacional e internacional, analisados por nossos repórteres em Brasília, São Paulo e Nova Iorque. Aqui no estúdio, eu recebo o jornalista Caco Barcellos. Eliane, a sua pergunta para o Caco”.

ELIANE CANTANHÊDE (Colaboradora do programa e então colunista do jornal Folha de S. Paulo): “Oi, Caco. Olha, esse ano tem sido um ano muito bom para o jornalismo brasileiro, né? Porque você viu..”

CACO BARCELLOS: (interrompendo a conclusão da pergunta da entrevistadora) “Você acha?”.

ELIANE: “Eu acho, sabe por quê?”

CACO: “Hum”.

ELIANE: “Você tá vendo que a presidente Dilma, por exemplo, está capitalizando muito a coisa da faxina, mas quem descobriu as histórias do Palocci, do Alfredo Nascimento, do Wagner Rossi e agora do Pedro Novais (nesse momento a câmera fica só na entrevistadora, com uma redação de jornal ao fundo) foi a imprensa, evidentemente trabalhando ali com o Ministério Público e Polícia Federal e os órgãos de investigação. Mas a imprensa tem tido um papel decisivo nessa faxina. (Câmera volta a mostrar a perspectiva do apresentador e do entrevistado ao telão) Eu queria saber se você participa da

79 - Caco Barcellos: “Faço jornalismo, não militância política”.

Disponível em <<[Ver também: As manifestações contra a corrupção transformaram este Sete de Setembro no Dia da Independência desta nova geração. Coluna do Augusto Nunes. Disponível em <<<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/direto-ao-ponto/as-manifestacoes-contr-a-corrupcao-transformaram-este-sete-de-setembro-no-dia-da-independencia-da-nova-geracao/>>>. Visita em 11/04/2015.](http://www.blogdacidadania.com.br/2011/09/caco-barcellos-%E2%80%9Cfaco-jornalismo-nao-militancia-politica%E2%80%9D-2/>>”. Visita em 11/04/2015.</p></div><div data-bbox=)

Abraji, que é a associação brasileira de jornalistas investigativos, já que você é um jornalista de ponta nesta área, e o que você acha deste tipo de organização. Se vale a pena, se é importante e em quê que pode melhorar”.

CACO: (câmera foca nele) “Acho muito interessante a iniciativa, mas não participo. Eu nunca consigo tempo para fazer militância ao lado do meu trabalho. Ali não é exatamente militância, mas precisa de organização, precisa de disciplina, precisa participar dos congressos (foco rápido na Eliane, que parece concordar com o que ouve, e volta) ...eles me convidaram gentilmente algumas vezes, não consegui ir. Embora não participe da entidade, imagina se participasse? Então não me sobra tempo. (Câmera ora se fixa no entrevistado, ora mostra a perspectiva do telão, e algumas vezes mostra reações da entrevistadora) Eu adoraria escrever um outro livro, que tenha uma apuração longa, já acumulada, só acumula lá os dados e não consigo escrever. Infelizmente eu não consigo ter outra atividade que não seja a de ir pra rua todo dia atrás de alguma história, né? Mas olha, eu tenho uma preocupação com esse momento da imprensa brasileira. Não sei se você, o que você acha do que eu vou te falar. Me parece que muitas das acusações que faz a imprensa, estão sendo baseadas em declarações de uma determinada fonte. Evidentemente que, boa parte dos que fazem esse tipo de matéria são jornalistas muito criteriosos e tem cuidados antes de divulgar. Mas há colegas que já divulgam sem sequer checar o outro lado. Sem sequer fazer uma apuração mínima para saber se há procedência ou não na acusação. Sabe por que me preocupa isso? Porque eu lembro de um episódio semelhante, a gente falava também assim de um jornalismo vivendo um momento muito interessante, muito inquietante inclusive, foi na época que levou ao impeachment do presidente Collor. Foi uma iniciativa ali também da imprensa. Mas eu acho também que foi uma iniciativa que nasceu no jornalismo declaratório né, foi o irmão dele que fez aquela denúncia. O que aconteceu com o nosso presidente? Ele foi punido politicamente. Sofreu o impeachment. Na justiça, ele não foi punido. Por que não foi punido na justiça? Por que a justiça é venal? Não sei. Ou será que a gente não investigou tão seriamente quanto a gente poderia? E não levou uma prova mais contundente para a justiça avaliar. Nós da imprensa, o Ministério Público, etc. Vou te devolver a pergunta desta maneira. Você concorda comigo, discorda totalmente...?”.

ELIANE: (desta vez é ela quem interrompe o entrevistado) “Posso falar? (riso contido dela, do apresentador, e do colega Jorge Pontual, um dos que dividem o espaço do telão)”.

CACO: “Pode, claro!”.

ELIANE: (câmera volta para ela apenas) “É, vamos pensar o seguinte, não é só declaração, né? Como é que foi a história do Palocci. Os nossos jornalistas lá na Folha de S. Paulo ficaram dois meses trabalhando naquilo. Um deles teve a informação de que o Palocci tinha comprado um apartamento de quase R\$ 7 milhões, o que não é pueril. E não é uma declaração, mas um fato. O repórter foi duas vezes a São Paulo, foi lá no local, depois descobriu que o apartamento estava no nome de uma empresa. Foi lá, descobriu que a empresa não tinha placa, não tinha secretária, não tinha coisa nenhuma. E que, o Palocci, na verdade, no ano eleitoral em que ele era o homem-chave da campanha da presidente Dilma Roussef, enfim, era uma figura-chave do PT. Ele simplesmente ganhou, aumentou o patrimônio dele em, acho que 80%, uma coisa assim, eu não me lembro mais dos detalhes”.

CACO: “Certo.”

ELIANE: “Mas isso não é declaração, Caco, isso é um trabalho de investigação que durou dois meses e envolveu muita gente, envolveu viagens, apuração, tanto que...”.

CACO: (tornando a interromper a fala da entrevistadora) “Eliane, você falou que...”

ELIANE: (falando ao mesmo tempo) “Tanto que o Palocci veio aqui na Globo, falou ao...é...teve um espaço enorme para se defender e não se defendeu”.

CACO: “Agora, Pallocci é um exemplo. Mas todo dia são uma meia-dúzia de exemplos. Você falou um exemplo onde seus colegas demoraram bastante. Mas você concorda que há muitas denúncias feitas inclusive ao vivo? Imagine a situação de você estar ao vivo, que critérios você tem de checagem se você está ao vivo na internet, no rádio ou na televisão. Isso tá acontecendo hoje. Têm iniciativas muito sérias, importantes e consequentes mas, ao lado disso, me parece que denúncias preocupantes”.

APRESENTADOR: “Sem aprofundar a questão, a investigação”.

CACO: (novamente interrompendo, desta vez a contemporização do apresentador) “Porque felizmente, acho que a maior parte do que está se falando, tá se comprovando verdade”.

APRESENTADOR: “No futuro...”.

CACO: “Mas na sequência, é aí sim da investigação. Mas no início, sempre começa com declarações contundentes, envolvendo o nome de muita gente. Muita gente que acaba sendo punida, e muita gente que não tinha na a ver com a história, mas na pressa da denúncia, a gente acaba cometendo algumas irresponsabilidades”.

APRESENTADOR: “Enfim, assunto polêmico. Outro assunto polêmico é o...”. (FIM DA EXIBIÇÃO)

Dos vários recortes de análise que podem ser feitos apenas deste trecho do programa, um dos mais importantes é que mesmo num veículo de comunicação que preza por um padrão, por um modelo de prática, por uma regularidade no modo de dizer, por um modo, sempre há algo que escapa, sempre pode existir singularidade. Há fuga, há perda de domínio de saber mesmo dentro do padrão Globo.

O programa parece ter sido preparado para, como se diz coloquialmente, jogar confete em si mesmo. No bloco destacado, percebe-se que o “jornalismo Globo” estava ali para comemorar os próprios feitos “investigativos”, possivelmente contra o governo federal, e convidou justamente um profissional com mais tempo de casa do que todos os seus entrevistadores. O que talvez não fosse esperado é que, justamente o profissional mais calejado, mais ciente dos padrões que sempre foi obrigado a seguir, fugisse do *script* e se colocasse em outra perspectiva. Sem muito esforço, Caco Barcellos questiona os próprios questionamentos feitos a ele e percebe toda uma estrutura de relações ali trincar, quase desmoronar.

A jornalista Eliane Castanhêde, ligada a um partido político que faz oposição ao governo e conhecida justamente por dar opiniões desfavoráveis à presidenta, ficou desconcertada com um simples questionamento aos métodos de trabalho dos próprios meios de comunicação que

comanda. Se o padrão é seguido e valorizado, por que uma simples pergunta sobre ele causa tanto desconforto? Após o susto inicial da entrevistadora, ela acaba por tentar reafirmar a validade das próprias práticas, antes de mudar o foco da entrevista, que era do suposto “bom momento do jornalismo brasileiro”, para o jornalismo investigativo. Como se o problema precisasse voltar ao entrevistado.

Porém, Caco Barcellos prefere seguir no tema inicial. Ele faz questão de relembrar de outro momento em que a imprensa quis se vangloriar, quando teria ocasionado o impeachment do presidente Fernando Collor de Melo, no início dos anos 90. E de que, tempos depois do julgamento feito pela mídia brasileira, o já ex-presidente acabou inocentado pelo poder judiciário. A “fuga” de Castanhêde novamente se dá através dos métodos, que parecem ser a certificação de que, no caso do atual governo, o que foi produzido de notícia pela equipe de reportagem foi “a verdade” e não uma mera “declaração”, o que certamente nos padrões jornalísticos que ambos conhecem teria menos validade.

O entrevistado acaba por dirigir ele mesmo a entrevista, de forma que ele já não parece responder diretamente a nenhum dos entrevistadores, mas refletir ele mesmo sobre as práticas jornalísticas atuais, fazendo até um mea-culpa - “na pressa da denúncia, a gente acaba cometendo algumas irresponsabilidades”. O apresentador evita que um silêncio ainda mais constrangedor paire no ar e muda o assunto, chamando uma reportagem...

A ideia deste trabalho é de, justamente, dar relevo a experiências possíveis de um jornalismo que prefere tatear o real a praticar modelos pré-fabricados. Um jornalismo “empirista cego”, para utilizar uma analogia feita por Foucault⁸⁰. Neste caso, o jornalista é o pesquisador que tateia os fatos em vez de seguir um manual de redação. Que não transforma o relato jornalístico num mero jogo de encaixar as peças das notícias e sim fabrica os próprios instrumentos que fazem aparecer objetos.

Busca-se procurar momentos em que o jornalismo se desencaminhou, quando assumiu o risco para as próprias relações estabelecidas ou quando os padrões foram desvirtuados. O foco será posto no trabalho do jornalista Cláudio Abramo, tanto pela sua importância histórica dentro do jornalismo brasileiro, quanto por sua reconhecida e singular (alguns diriam polêmica) abordagem tanto para a própria profissão, quanto para as notícias, os fatos, o que um dia se convencionou

80 - FOUCAULT, Michel. Poder e Saber. In: Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003. P.233.

dizer de prática jornalística. Tentar enxergar o empirismo cego no jornalismo produzido pelas linhas de Cláudio Abramo.

A análise terá como base escritos presentes na antologia de Abramo, disponível na publicação “A Regra do Jogo”⁸¹, sempre tentando remeter ao modo que o jornalismo brasileiro operava na época das publicações, tentando enxergar o dito e o não dito nas matérias jornalísticas e editoriais, baseados nos mesmos episódios e contextos históricos. Apostando numa experiência foucaultiana de pesquisa.

Como ressaltado na escrita de Heliana Conde, é sempre bom deixar claro que, ao utilizar Foucault numa análise histórica, estou abrindo mão de pensar a história de forma positivista, como uma linha reta orientada por uma cadeia causal de fatos consumados que foi em direção ao presente, como um objetivo⁸². Deixo de lado também, ao analisar os eventos em sua historicidade, de buscar neles algum segredo oculto, em um passado-totalidade inferido com mais rigor⁸³. “Consoante Foucault, para aprender o vínculo entre o presente e o passado estabelecido na narrativa histórica, é preciso estar atento à relação do presente...com ele mesmo!”⁸⁴. Ou seja, para investigar o passado é necessário pôr em análise o próprio presente, desnaturalizar o tempo e a posição do historiador.

Utilizando uma perspectiva deleuziana, seguindo com Heliana Conde, “o passado não é o que nos fundamenta. Longe de ser nossa identidade, ele é ficcionado a partir de nossa dispersão – a diferença presente/atual -, facultando uma reflexão sobre a mesma e alimentando experimentações com o novo, com o que está em vias de ser. Porque o atual não é o esboço de um futuro livre e desalienado, mas o agora de nosso devir, desejável como tempo outro, nunca como completude, realização ou reconciliação”⁸⁵. Dessa forma, busco pensar o jornalismo contemporâneo através da atualidade das práticas constituídas historicamente, do que já estava lá, tanto nas produções das empresas jornalísticas quanto dos textos considerados opinativos, pelos padrões da grande imprensa, de Cláudio Abramo.

81 - ABRAMO, Cláudio. A Regra do Jogo – O jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

82 - RODRIGUES, Heliana Barros Conde. Para desencaminhar o presente psi: biografia, temporalidade e experiência em Michel Foucault. In: HÜNING, S. M.; GUARESCHI, N. M. F. (Org.). Foucault e a Psicologia. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2009. P.19.

83 - RODRIGUES, 2009. P.20.

84 - RODRIGUES, 2009. P-20-21.

85 - RODRIGUES, 2009. P.22.

Diferente dos teóricos do jornalismo e de suas teorias globalizantes, não busco aqui fechar um argumento ou uma teoria melhor, a partir de um hoje que evoluiu historicamente. Retomando Rosa Maria Bueno Fischer, “o que importa é assumir essa atitude de suspender o consolador estado das certezas para, no lugar delas, construir e pensar fatos, coisas, dados, situações inquietantes de nosso tempo, a partir de alguns conceitos que nos propiciem exatamente complexificar esse real que nos é dado provisoriamente para acessar”⁸⁶. Por isso a minha proposta de trabalhar com Foucault, Deleuze e outros intercessores para pensar o jornalismo e suas práticas.

O interessante é que, no contexto atual de evolução tecnológica, nunca houve tanta possibilidade de acesso à informação (disponível literalmente na palma da mão), mas sem qualquer mudança significativa em como é feito ou na forma como é pensado e discutido o próprio jornalismo. A proposta de utilizar a experiência de Abramo, alguém que pensou e vivenciou práticas jornalísticas apenas até o final do século passado, é de justamente verificar a atualidade do pensamento e das próprias práticas jornalísticas em suas condições históricas. Retomando Fischer, “trabalhar com a radical condição histórica dos eventos não significa que se buscarão as origens, os longínquos começos, mas sim as continuidades, as recorrências e, principalmente, as descontinuidades”⁸⁷.

Olhar de estrangeiro

Em junho de 1949, o escritor argelino Albert Camus desembarcou no Estado da Guanabara para uma série de conferências pelo Brasil, patrocinadas pelo governo francês, que tentava reestabelecer os laços culturais e diplomáticos após os eventos da 2ª Guerra Mundial. O jornal “O Globo” de 15 de julho trouxe uma entrevista com o autor, de título “Albert Camus opina sobre si mesmo”⁸⁸. Apesar de ter sido publicada ainda na primeira metade do século XX, a estrutura da matéria não é muito diferente da maneira que é produzida hoje, seja no jornalismo impresso ou

86 - FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos investigativos: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 61.

87 - FISCHER, 2002. P.63.

88 - O GLOBO. Em 1949, Camus visitou Brasil para série de conferências patrocinadas pela França. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/em-1949-camus-visitou-brasil-para-serie-de-conferencias-patrocinadas-pela-franca-10607976>>>. Visita em 13/05/2015.

mesmo na internet, com algumas mudanças apenas na linguagem. “Não tem queda para o existencialismo, prefere ‘O Estrangeiro’ entre seus romances e resolveu silenciar sobre a política – Fará conferências – No ‘Campana’, regressou o professor Delgado de Carvalho” – o subtítulo bastante chamativo já instigava o leitor a acompanhar o resto da pequena entrevista.

O texto começa explicando que Camus chegara de Marselha, no navio Campana, e que pretendia dar conferências pela América do Sul, através de um programa do Ministério do Exterior da França. As falas do autor aparecem ora no modo direto, ora no indireto, sobre as primeiras impressões dele em território brasileiro e de suas preocupações em se poderia ir ou não passar pela Argentina, onde teve uma de suas peças censuradas – “creio que a minha presença em Buenos Aires não seria aconselhável⁸⁹”. Logo após, a reportagem pergunta a Camus a opinião dele sobre o existencialismo, corrente filosófica em alta na França da época, com cujos principais representantes sempre teve relação tão próxima quanto conturbada – no momento da viagem, o ilustre visitante ainda não tinha rompido relações com Jean-Paul Sartre.

Camus prefere fugir de qualquer polêmica, e diz que o “existencialismo é uma filosofia como outra qualquer, digna de respeito. Poderia fazer comentários sobre ela em uma palestra de dois minutos. Prefiro falar de outros assuntos”. Com a insistência da pergunta de se ele seria existencialista, o escritor esclarece: “Em Paris, corre a notícia de que eu era. Já desfiz esse juízo a meu respeito. Não me sinto muito inclinado pelo existencialismo porque minha formação moral recebeu forte influência dos filósofos gregos. Sou mais admirador de Platão do que de Hegler (Hegel)⁹⁰”. A matéria é muito pouco profunda e se dá em períodos curtos e informações pontuais (algo comum na leitura contemporânea, mesmo na internet). Tanto que logo depois da declaração sobre a filosofia, pergunta-se sobre os temas e as ordens das palestras que Camus dará e sobre qual dos seus livros teve mais sucesso na Europa. “O de maior sucesso foi ‘A peste’, embora o meu preferido seja ‘o estrangeiro’”⁹¹.

Um tema bastante interessante que surge na entrevista é a da atuação do escritor durante a resistência francesa, na Segunda Guerra. Camus prefere não entrar em muitos detalhes, mas destacou a atuação dele mesmo no jornal Le Combat, clandestinamente no período belicoso, no

89 - (IDEM)

90 - (IDEM)

91 - (IDEM)

que seria sua segunda experiência no jornalismo. “(...) a primeira foi em minha cidade natal, em Argel, onde trabalhei como repórter em vários setores, inclusive no marítimo”.

A matéria termina com a participação do professor Delgado de Carvalho, que regressava ao Brasil no mesmo navio Campana e falava sobre a recuperação da França no pós-guerra:

Hoje já não há mais restrições na aquisição de gêneros alimentícios. Os preços tendem a baixar. O espírito francês também está-se recuperando. Notei grande progresso no desenvolvimento do sentido colonial, isto é, já não são numerosos os franceses que vão para as colônias. O império francês será, na segunda parte do século XX, o que foi o império britânico no século XIX. Também notei que há grande interesse na França pelas relações culturais com os demais países, especialmente com o Brasil⁹²

Na época da visita de Albert Camus, Cláudio Abramo escrevia para o jornal O Estado de São Paulo. No dia 5 de agosto de 1949, o Estadão publicou o artigo “Uma entrevista com Albert Camus”, de autoria de Abramo⁹³. Interessante destacar, logo de cara, que o texto se preocupa muito mais em detalhar as características e o modo de agir do escritor no trato com a imprensa do que em buscar alguma polêmica ou declaração chamativa de Camus, como na matéria de O Globo. É um texto mais longo, narrativo, que foge do factual. “É um homem moço, de estatura média, magro e castanho, de olhos penetrantes e sorrisos rasgado na face franca. Quando escuta, olha às vezes para os lados, cruza os braços e muda a posição das pernas”⁹⁴.

Abramo tenta criar um perfil do personagem Camus, intercalando com respostas incisivas dadas pelo escritor. “Amo demais meu país para ser nacionalista. (...) A elite da França morreu de 40 a 45: a elite dos voluntários. (...) Não me interessa o problema da guerra mas sim o da paz”⁹⁵. As ideias de Camus e a sua eloquência ao falar, com o auxílio de um intérprete, são descritas como um “galope desenfreado, mas em nenhum momento dá a impressão de estar falando por falar”.

O destaque – o espaço reservado na página - dado pelo Estadão à visita de Camus é muito maior – algo bastante importante num veículo de comunicação – e o texto de Abramo pode então ser fluido, quase literário. As perguntas dos repórteres variam basicamente entre a situação política da França e do mundo no pós-guerra e os escritos do visitante argelino, que é sempre incitado a

92 - (IDEM)

93 - ABRAMO, Cláudio. A Regra do Jogo – O jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. P. 54.

94 - (IDEM)

95 - (IDEM)

expressar de que lado se posiciona em várias questões – e sempre aponta outra saída, outro plano. Mesmo quando perguntado sobre a posição política dos próprios personagens.

O dr. Rieux (herói de ‘A Peste’) luta sem esperanças. Sua posição consiste em saber que nada pode ser regulado, organizado. Se queremos fugir a isso acabamos na violência. A posição de meu herói, isto é, a posição que eu acredito que meu herói adotaria, é esta: nunca seguirei uma teoria política absoluta. Diminuir a dor do mundo. Isto é o que importa⁹⁶

As declarações contundentes de Camus são intercaladas com as expressões corporais deste, e o modo como os próprios jornalistas, coletivamente, se postam. Abramo foi designado para escrever uma entrevista com o escritor, mas parece querer construir cenas de uma narrativa sem fio condutor, em que só sabemos que o texto está no meio ou no fim quando olhamos para o final da página. “A eficiência é a ignorância sistemática. A União Soviética e os Estados Unidos acreditam que seus métodos são muito eficientes”⁹⁷. O único momento de sobressalto de Camus foi ao ser interrogado sobre existencialismo, tema que parece incomodá-lo bastante. Ao invés de reproduzir uma longa resposta completa, dura, Abramo prefere esmiuçar o dito e transformá-lo em mini declarações que se desencadeiam, em meio à mudança de posturas corporais. ““(O existencialismo) Data de Santo Agostinho’. Salta naturalmente para o ‘assunto Sartre’ e afirma: ‘o grupo de Sartre assemelha-se aos Enciclopedistas. O próprio Sartre parece um pouco com Diderot’. Fala ainda bastante de Sartre com palavras calorosas e afetivas(...)”⁹⁸.

Apesar de as cenas por vezes se assemelharem a um “interrogatório policial”, Abramo aponta como Camus desenvolve seus argumentos naturalmente, sem pestanejar, nos diferentes temas propostos. Ao final da entrevista, que Abramo já chama de “diálogo”, pela menor participação de repórteres e pelas franquezas das respostas, o tema das perguntas se fixa na “centralização do poder” e a ideia de “homem só”. “Não é porque o mundo está dividido em dois blocos que é preciso cortar em dois os homens por meio de ideologias ou de preconceitos nacionais. Se o homem só não pode aderir aos dois blocos, ele poderá, contudo, resistir-lhes, isto

96 - (IDEM)

97 - (IDEM) P.55.

98 - (IDEM)

o trará ocupado. (...). Pugno pela paixão, não pela ciência, em tudo que é humano. (...) Comece por se recusar a odiar e o aperto de mão de um homem terá novamente seu verdadeiro sentido”⁹⁹.

O interessante é perceber as diferenças entre as matérias. A de O Globo parece um mero registro da visita de uma figura ilustre, com doses homeopáticas do pensamento de Camus, mais direcionados ao que o leitor quer saber do escritor, enquanto na matéria do Estadão, Abramo, apesar de não se posicionar diretamente no que escreve, escolhe fazer um perfil mais complexo do escritor e escolher, do que ele ouviu durante toda a entrevista, o que achou mais interessante para pôr em destaque. O personagem criado ficou muito mais rico.

Mais interessante ainda é que, como no final dos anos 40 do século passado, a circulação de notícias não era tão grande, as impressões que ficaram da visita de Camus não foram nem de uma matéria nem de outra. O que acabou ficando marcado foram as péssimas impressões de Albert Camus sobre a viagem pela América do Sul e pelo Brasil, através dos diários feitos por ele mesmo, e publicado sob o nome de “Diário de Viagem”, 29 anos depois, na França. “Oscila entre apostar num futuro alvissareiro ou irremediável para o país. Incomoda-se com o silêncio da floresta e considera a Baía de Guanabara ‘muito espetacular’ para o seu gosto. Por fim, lamenta que no Brasil, ‘os sangues se misturam a tal ponto que a alma perde os limites’”¹⁰⁰.

Cabe observar aqui que, no período de feitura das duas reportagens, os jornais ainda não eram alvo da censura oficial do Estado. Mesmo com o presidente militar Eurico Gaspar Dutra (eleito, não indicado), que havia participado da ditadura varguista do Estado Novo, na repressão à Intentona Comunista, na ruptura com a União Soviética no pós-guerra e na colocação do Partido Comunista Brasileiro na ilegalidade, os jornais gozavam de relativa liberdade.

É bom deixar claro também que, quando escrevo que o texto de Abramo é quase literário, estou longe de querer criar alguma polêmica com Deleuze (2010), que para falar justamente da crise na literatura, que estaria sendo transformada em “romances padrão”, faz uma brusca separação entre literatura e jornalismo.

99 - (IDEM)

100 - Jornal O Globo. Em 1949, Camus visitou Brasil para série de conferências patrocinadas pela França. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/em-1949-camus-visitou-brasil-para-serie-de-conferencias-patrocinadas-pela-franca-10607976>>. Visita em 13/05/2015.

É obvio que os jornalistas frequentemente escreveram livros. Mas quando escreviam livros, entravam numa outra forma que não a do jornal de imprensa, tornavam-se escritores. A situação mudou porque o jornalista adquiriu a convicção de que a forma livro lhe pertence de pleno direito, que ele não tem nenhum trabalho especial a fazer para chegar a essa forma¹⁰¹

O livro transforma-se numa espécie de relatório de atividades, de experiências, sem a intenção criadora específica, a busca e um esforço especiais que Deleuze considera indispensáveis à literatura, que não teria nenhum ganho nesses “resíduos” de outras atividades¹⁰². Percebe-se aí uma delimitação clara entre o que seria escrever para jornal e o escrever literário, empenhos diferentes, sendo para o segundo necessário uma potência de criar própria. Neste ponto, não posso afirmar que nem os textos que Abramo fez para jornais (e essa sempre foi sua pretensão), nem os diários que Camus produziu são literários, sequer dizer se isso faz diferença prática ou não.

Lutando em outros campos

Depois das primeiras colaborações com o jornal O Estado de S. Paulo, Cláudio Abramo vai estudar Ciências Sociais em Paris, a convite do governo francês. Ainda nos anos 50, ele acaba voltando ao Brasil e ao Estadão, quando começa um trabalho de modernização do jornal. Nos anos 60, acaba indo para o jornal Folha de S. Paulo, onde também coordena grandes reformas editoriais, mesmo com o recrudescimento da ditadura militar no país depois do golpe de 1964. Na década de 70 acaba perseguido e preso pelos militares, e em 1979 acaba tendo que deixar a Folha por pressão da ditadura. Nos anos 80, exilado na Europa, acaba virando correspondente em Londres e Paris da própria Folha.

E foi justamente nesta época em Paris, que aconteceu uma das maiores atrocidades israelenses contra palestinos da história. A revista Veja de 29 de setembro de 1982 trouxe como manchete de capa a matéria “O massacre dos palestinos”¹⁰³. A reportagem narra a chacina ocorrida nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, no Líbano, e joga a responsabilidade parcial de

101 - DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 2010. P.167.

102 - (IDEM)

103 - A voz de Sabra e Chatila. Disponível em

<<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/crise_palestina/arquivo/reportagem_290982.html>>. Visita em 13/05/2015.

apuração do crime para o então primeiro-ministro israelense Menahem Begin, que deveria responder também pelos atos do próprio exército.

O texto começa narrando exemplos da barbaridade que aconteceu, apontando o horror mundial sobre o caso e depois discutindo quem poderiam ser os culpados por tudo aquilo.

O assalto foi tão inesperado que houve mulheres metralhadas com a panela na mão, enquanto cozinhavam, homens abatidos quando tentavam enfiar roupas em malas, sofregamente, e velhos mortos embaixo de mesas e cadeiras, como animais. (...) As vítimas, entre homens, mulheres, crianças e velhos palestinos, estavam desarmadas. Nessa batalha, só um lado atirou¹⁰⁴

Por se tratar da manchete de capa de uma revista, a matéria pode se desenrolar por várias páginas e parágrafos, num relato que pode ser muito mais elaborado do que seria o de um jornal impresso, com a possibilidade de mais fotos e textos, sejam corridos ou em boxes com informações mais detalhadas.

Alguns possíveis culpados são apontados, todos de alguma forma ligados ao país criado pela Organização das Nações Unidas - ONU. “Os assassinos ainda não têm identidade certa - podem ser membros da Falange cristã do presidente assassinado Bachir Gemayel, armada por Israel há vários anos, ou do exército irregular do major Saad Haddad, criado e transformado em cliente também pelos sucessivos governos de Israel”¹⁰⁵. Segundo a reportagem, todos esses grupos, e mesmo o temido exército israelense, podem ter cometido o massacre em busca de “terroristas” palestinos, nomenclatura bastante utilizada para cometer qualquer tipo de atrocidade ainda hoje. O então general israelense Ariel Sharon (que décadas depois se tornaria primeiro-ministro, tratado como um dos mais sanguinários e maléficos para a causa palestina), que já tinha invadido e destruído o Líbano pouco tempo antes, disse à reportagem da Veja que as mãos do seu exército “estavam limpas”, apesar do sentimento nas ruas de Israel ser também de pesar.

A reportagem dedica dois parágrafos para localizar o leitor sobre como se formou e se organizou os dois campos de refugiados palestinos.

104 - (IDEM)

105 - (IDEM)

Nascidos quase 35 anos atrás, em volta de duas antigas praças da capital libanesa, incharam a tal ponto que se tornou difícil estabelecer onde começa um e termina o outro. Ocupando uma área duas vezes maior do que a do bairro de Copacabana, no Rio, Sabra (que em árabe significa "paciência") e Chatila ("planta") não tinham apenas tendas e barracões de madeira: suas ruelas também abrigavam construções de alvenaria, edifícios de dois andares, escolas, hospitais, mesquitas, campos esportivos e quartéis com bunkers construídos nas entranhas do bairro pelos engenheiros da OLP (Organização para Libertação da Palestina)¹⁰⁶

O texto indica também que, pela constância dos bombardeios israelenses na região, a maioria dos 15 a 20 mil moradores que permaneciam nos campos era composta de mulheres, idosos e crianças. A reportagem de Veja começa a entrevistar justamente sobreviventes ou parentes das vítimas, que acabam depondo pela responsabilidade direta do exército israelense e das milícias cristãs no massacre. Mais relatos de brutalidade e covardia dos militares são apresentados, apontando que ao invés de executarem “terroristas palestinos”, acabaram sendo mortos “civis desarmados”, segundo as próprias leis internacionais.

‘No exato momento em que meu pai fez o gesto de molhar um pedaço de pita (o pão árabe) na sopa de favas, alguém passou correndo diante da porta e jogou uma pedra. Era uma granada. A partir daquele momento, tudo começou’, contou ele a Alessandro Porro, de VEJA. Walid Yafi, que na manhã da quarta-feira passada estava sem os dois braços, cego de um olho, num subsolo de Chatila transformado em enfermaria pelos voluntários de uma organização francesa, Hôpital sans Frontières, falava com voz baixa: ‘Virei lixo, mas ainda posso falar. Já é alguma coisa’¹⁰⁷

A brutalidade dos relatos coaduna com a ideia de que não houve justificativa nos atos, que era só uma questão de saber quem o fez e responsabilizá-lo. Neste ponto, a reportagem de Veja não faz questão nenhuma de “ouvir os dois lados” igualitariamente, regra obrigatória dos manuais de redação para manter uma pretensa imparcialidade. Privilegia-se aqui o relato da vítima e não o do possível agressor.

A matéria segue mostrando que, apesar do massacre ter durado 30 horas seguidas, só depois de muito tempo de começado é que médicos, enfermeiros e mesmo jornalistas trabalhando em Beirute perceberam do que se tratava. Dizem os jornalistas entrevistados que foram barrados ao tentar entrar nos campos, e só ouviram os “tiros disparados em uma só direção”, indicando que,

106 - (IDEM)

107 - (IDEM)

fosse exército fosse milícia, os homens ali foram para “não deixar prisioneiros”¹⁰⁸. A única equipe de televisão que conseguiu chegar ao local, ainda presenciou a cena de mulheres e crianças sendo encurralados e levados para um caminhão, de onde só saíam em pilhas de corpos mutilados.

Mesmo a imprensa israelense foi atrás de informação sobre o “banho de sangue” com as autoridades locais, que mesmo sabendo do problema, preferiram temporizar. A própria reportagem começa a responsabilizar as autoridades israelenses. “Talvez o pecado original de Menahem Begin e Ariel Sharon tenha sido de retórica. Por rotular diariamente todos os palestinos do Líbano de “terroristas”, eles conseguiram desumanizar a massa de refugiados, e adormecer a vigilância diante de um possível massacre”¹⁰⁹.

Todavia, não houve como conter a repercussão negativa, mesmo nos jornais israelenses como o Jerusalem Post, seja na comunidade judaica americana, sempre um grande sustentáculo, inclusive financeiro, ao Estado de Israel. A reportagem da Veja tenta acompanhar a opinião pública dos cidadãos israelenses, que definitivamente querem saber o que houve, apesar de apoiar o primeiro-ministro. A matéria aponta também para a demora tanto do primeiro-ministro Begin, quanto do general Sharon em admitir o problema, e o erro, identificado pela reportagem através dos discursos do opositor Shimon Peres (que depois seria primeiro-ministro, presidente de Israel e ganharia o prêmio Nobel da Paz, junto com Yitzhak Rabin e o palestino Yasser Arafat), como o de deixar milícias revanchistas tomarem conta dos campos. No entanto, dentro do parlamento, Begin continuava com o apoio da maioria. Até que, por dentro, e pela não instauração imediata de um inquérito, a popularidade do primeiro-ministro e dos seus pares começou a ruir.

A reportagem mostra que o jeito que o governo tratou o massacre pegou mal mesmo entre os mais conservadores e costumeiros apoiadores do governo israelense. “No resto do mundo, a situação de Begin não é melhor. ‘Ele representa uma ameaça para a paz mundial’, decretou o velho senador americano Barry Goldwater, defensor de várias guerras no passado”¹¹⁰. A matéria, todavia, faz questão de valorizar a “democracia em marcha” dentro de Israel, com vários protestos, marchas e abaixo-assinados pipocando pelo território, em oposição a um governo fraco no Líbano. “Em Israel, contudo, o julgamento deverá estar à altura dos rigorosos critérios estabelecidos pelo

108 - (IDEM)

109 - (IDEM)

110 - (IDEM)

próprio povo judeu. ‘Não pode haver dupla moralidade, advertiu a voz autorizada de Simon Wiesenthal, que dedicou a vida à apuração dos crimes de guerra praticados pelos nazistas contra os judeus e por isso sabe que qualquer analogia entre os dois massacres se origina na ignorância ou na má fé’¹¹¹.

Na sua coluna como correspondente da Folha de S.Paulo em Paris, no dia 20 de setembro de 1982, de título “Um ato de suprema covardia”, Cláudio Abramo já começa o texto sobre o massacre nos campos de refugiados palestinos no Líbano com analogias que vão basear toda sua análise sobre a dupla culpa de Israel. “Primeira pergunta: quem é o culpado – o cachorro assassino ou o dono do cachorro assassino? Segunda pergunta: se eu ocupo uma casa alegando que assim o faço com o desinteressado intuito de impedir que os habitantes dessa casa se matem entre si (matando vários deles no processo, aliás) e um dos moradores mata o outro, quem é o culpado, o assassino ou eu?”¹¹². Dessa forma, percebe-se que o entendimento de Abramo sobre o ocorrido foi muito parecido com o da revista Veja, mas como articulista ele se posiciona mais diretamente do que a primeira e é mais veemente nos argumentos.

Abramo segue o texto relatando o que aconteceu, já apontando quem ele acha quem foram os culpados diretos e indiretos pela ação criminosa, no caso, o major libanês Haddad (que ajudou Israel pouco tempo antes, na invasão ao Líbano) e o primeiro-ministro israelense Menachem Begin. “Não há dúvida possível. Assim como Israel é satélite americano, o major Haddad é satélite, extensão, braço, arma de Israel. (...) Begin é portanto o culpado pelo massacre de palestinos ocorrido sábado”¹¹³. Mais do que isso, a culpa e responsabilidade israelense estaria agravada, para Abramo, pela própria invasão desastrosa ao território libanês, condenada por unanimidade pelo Conselho de Segurança da ONU. Por este ato, Israel estaria fadado “a garantir que os próprios libaneses não se matassem entre si após o assassinio do presidente eleito Bechir Gemayel”¹¹⁴.

Mesmo assim, Abramo acredita que o nem o exército israelense, nem Begin ou outros “fanáticos de Jerusalém” sabiam da operação da chacina que iria ocorrer. Todos estes teriam as

111 - (IDEM)

112 - ABRAMO, Cláudio. A Regra do Jogo – O jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. P.186.

113 - (IDEM)

114 - (IDEM)

“mãos limpas. Mas são culpados da mesma forma”¹¹⁵. O autor começa a falar então da posição das autoridades da França e de outros países da Europa Ocidental – de onde ele escreve – sobre o acontecido, e que medidas eles estariam pensando em tomar, levando em conta uma possível sombra soviética naquele conflito, um par de dias depois do massacre.

Abramo termina o texto mostrando toda sua indignação não contra os assassinos diretos de mulheres, crianças e idosos palestinos refugiados, mas contra a atitude do primeiro-ministro de Israel, mesmo após o mundo inteiro saber dos horrores do ocorrido. “Depois de ter escrito esta nota, vi, num jornal de TV aqui em Paris, Menachem Beguin saindo de uma sinagoga, onde fora rezar: o homem ria. Eu o vi rindo, com esses olhos que a terra há de comer. (...) Esse homem é um louco. Um louco monstruoso e assassino”¹¹⁶.

Cerco Implacável

Cláudio Abramo volta ao Brasil em 1984 e assume uma coluna de opinião na página 2 da Folha de S. Paulo, num período em que a ditadura militar já dava sinais de abertura política. Depois de anos de chumbo, o país ansiava pela volta da democracia, que seria garantida pela campanha por eleições diretas. No dia 25 de abril desse mesmo ano, o jornal Folha de S. Paulo trazia como manchete “Congresso repele cerco policial e vota hoje a emenda das diretas”¹¹⁷. A capa trazia em destaque uma grande foto de policiais alinhados em frente ao Congresso Nacional, mostrando que o governo ainda era militar, de como a democracia ainda estava literalmente cerceada. Acima da manchete, a Folha conclamava, em fonte menor, os leitores a usarem “amarelo pelas diretas-já”, reforçando uma campanha que já tomava conta do noticiário e do cotidiano dos brasileiros naquela época.

Ao lado da foto das tropas, um texto explicativo de todo aquele conjunto aparece, assinado pelo jornalista Clóvis Rossi, enviado da Folha em Brasília. Neste, Clóvis explica que na véspera da votação da emenda Dante de Oliveira, que garantiria as tão esperadas eleições diretas, o Congresso Nacional passou quase três horas cercado por policiais militares, a pedido de alguns parlamentares, com medo de que o local fosse ocupado por um grupo de estudantes, que fazia

115 - (IDEM) P.187.

116 - (IDEM)

117 - Folha de S.Paulo. Capa. Congresso repele cerco policial e vota hoje a emenda das diretas (25/04/1984). Disponível em <<<http://acervo.folha.com.br/fsp/1984/04/25/2/>>>. Visita em 25/05/2015.

vigília pela aprovação da emenda. O texto traz ainda duas explicações oficiais desencontradas sobre aquela movimentação policial: a do porta-voz do general Newton Cruz, executor das medidas de emergência, dizia que aquilo era apenas uma “antecipação” do esquema de segurança que seria adotado no dia da votação, enquanto Carlos Átila, porta-voz da Presidência, afirmou ser tudo aquilo apenas um “reforço no policiamento”, rejeitando o termo “cerco” por ser “muito drástico”.

Clóvis Rossi segue os relatos de que, feito o cerco policial, os motoristas de Brasília resolveram começar um buzinaço pelas ruas da cidade, principalmente em frente aos policiais, fato que deixou as Forças Armadas em “regime de semiprontidão”. O texto termina dizendo que a votação ocorreria às 9 horas da manhã, que seria impossível adiantar o resultado dela, e aponta para o leitor em quais seções do jornal o tema das emendas será tratado. Ainda na capa, na chamada abaixo, outra foto destacada mostra um certo protagonismo para o deputado Ulisses Guimarães (presidente nacional do PMDB, antes MDB, com uma gravata amarela), com o título “Ulisses condena, exorta, adverte”. A chamada adianta muito da entrevista com o político que será mostrada na íntegra dentro do jornal, em que ele destaca justamente a popularidade da campanha das diretas por todo o Brasil, o período nefasto que foi a ditadura militar e a importância de votar pela emenda Dante de Oliveira.

Virando a primeira página daquela edição da Folha, que saiu no dia da votação das diretas-já, chega-se na coluna de Cláudio Abramo, “Justa e Implacável”¹¹⁸, localizada no topo à esquerda da página, ao lado do centralizado Editorial do jornal, que se divide em dois temas: “Congresso soberano já”, texto maior e que percorre todo o contexto daquela votação histórica, que o Congresso Nacional, mesmo com ameaças dos militares, tinha o apoio em massa da população para votar pelas diretas e que precisava analisar com calma a emenda Leitão, proposta pelo então senador Marco Marciel (do PDS, desmembramento da antiga Arena) e que estabelecia eleições diretas, mas com votos ponderados por cada unidade federativa; o outro tema do editorial, “Parlamentares sob censura”, diz justamente de algumas “medidas de emergência” baixadas pelo general Newton Cruz, tomadas para impedir que a opinião favorável às emendas constitucionais dos parlamentares fosse veiculada, “sem prévia autorização”, em meios de telecomunicação.

118 - (IDEM) P.2.

Abramo escreve de São Paulo e o seu texto está acima do de outros articulistas espalhados pelo Brasil: um de Brasília (Ruy Lopes, “Cheiro de Democracia”), um do Rio de Janeiro (José Silveira, “Véspera do dia seguinte”), um de Belo Horizonte (Otaviano Lage, “O braço do arbítrio”) e um de Curitiba (Nireu José Teixeira, “Mensagem ao congresso”), mostrando o aspecto nacional daquela publicação. A página 2 e 3, desde as reformas editoriais e gráficas empreendidas pela Folha nos anos 80 do século XX (com a ajuda de Cláudio Abramo), é mais direcionada a opinião do que o resto da publicação, estampada por matérias. A página 3 dá espaço, além da seção de cartas e da opinião dos leitores, para a seção tendências/debates, que sobrevive até hoje, em que os deputados Ulisses Guimarães (PMDB, favorável) e Aloysio Chaves (PDS, desfavorável) tem o mesmo espaço de texto para discutir o tema “A restauração imediata do direito popular ao autogoverno”.

O texto de Abramo segue a temática de boa parte do jornal e dos articulistas. Ele personifica o Congresso em alguém que precisa dar uma resposta positiva, mostrar a nação “se está ou não a altura do povo brasileiro”¹¹⁹. A obrigação de votar a favor é moral, racional, sensível e oportuna. Votar contra é justamente o contrário de tudo isso, além de ser um açoite a todo o sentimento das pessoas nas ruas. O articulista percebe que o Governo Federal, ao tomar algumas medidas emergenciais como o cerco ao congresso e a censura aos meios de comunicação que falassem das Diretas-Já, estaria reagindo irracionalmente à derrota¹²⁰.

Desta forma, o cerco ao Congresso não seria apenas físico contra manifestantes, mas psicológico para coagir parlamentares a votar pelo “não”. É justamente a esses parlamentares que o texto de Abramo parece se dirigir, que termina quase desafiando-os: “Eles – deputados e senadores antidiretas – vão atirar este país numa crise também inédita. Que meditem bem antes de, acendendo à compulsão material, votar “não”, pois a história é como as crianças: justa e implacável”¹²¹.

119 - ABRAMO, Cláudio. A Regra do Jogo – O jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. P.218.

120 - (IDEM)

121 - (IDEM)

Uma festa sem emoção?

Mesmo com toda a comoção popular e o apoio da imprensa, a emenda Dante de Oliveira não obteve votos suficientes na câmara dos deputados em 1984 e a passagem da ditadura militar para um governo civil teve de ser feita de maneira indireta – com votos dos próprios parlamentares - no ano seguinte. A capa da Folha de S. Paulo do dia 15 de janeiro de 1985 trazia como manchete “Colégio referenda Tancredo; País acompanha sem suspense”¹²². Ao centro, a Folha traz imagens e chamadas de mesmo tamanho para os dois candidatos mais votados para a presidência: à esquerda, uma foto do candidato governista Paulo Maluf sendo beijado no rosto pelo filho, com o título “Maluf se considera um pilar de sustentação da democracia”, e o texto abaixo explicando que o candidato já aceitava a derrota nas eleições indiretas, culpava uma dissidência do próprio PSD pela derrota, mas dizia comemorar a disputa entre dois candidatos civis para presidente; mais ao centro, uma foto do candidato Tancredo Neves batendo palmas, com o título “Tancredo descarta diretas-já, mas aceita eleições em capitais”, e uma chamada abaixo em que o candidato, já pensando como eleito antes do resultado final, pretendia propor que houvesse eleições diretas só após a feitura de uma Assembleia Constituinte, mas aceitava o sufrágio universal nas disputas “das capitais e estâncias hidrominerais”¹²³.

Ao lado das fotos, uma chamada, de apenas uma coluna no canto direito, explicava a manchete do jornal. Sem assinatura de nenhum repórter, o texto explicava como seria feito o procedimento no Colégio Eleitoral, o horário em que iria começar a apuração e o número mínimo de votos (344 de 686 no total) que garantiria a eleição, além do favoritismo de Tancredo Neves. A votação e a apuração seriam exibidas ao vivo por emissoras de rádio e televisão. A Folha antecipa que trará no seu conteúdo perfis dos candidatos à presidência e à vice, e um possível Gabinete de Tancredo, já com cargos prometidos a políticos de alguns partidos, inclusive dos que não votaram no candidato do PMDB. A parte de baixo da capa abre destaque para a foto de uma multidão acompanhando a votação através de um telão em Brasília, e várias pequenas chamadas sem foto sobre o noticiário nacional e internacional.

122 - Folha de S.Paulo. Capa. Colégio Referenda Tancredo; País acompanha sem suspense (15/01/1985). Disponível em <<<http://acervo.folha.com.br/fsp/1985/01/15/2/>>>. Visita em 25/05/2015.

123 - (IDEM)

As páginas 2 e 3 desta edição da Folha seguem dedicadas exclusivamente aos textos opinativos do jornal¹²⁴. Novamente o artigo de Cláudio Abramo, “Hoje a festa é nossa”, escrito de São Paulo, está localizado no topo à esquerda da página 2, acima dos artigos de Ruy Lopes (“A Nova República”, de Brasília); Newton Rodrigues (“Governadores e Partido”, do Rio de Janeiro); Joaquim Falcão (“Necessidade nacional”, de Recife) e Washington Novaes (“Uai, sô”, escrito do Brasil Central). Todos estes, de uma forma ou de outra, tocam no tema da sucessão da ditadura por um governo civil depois de 21 anos. Centralizado continua o editorial da Folha, que novamente se divide em dois temas, surpreendendo um pouco porque a parte de cima do texto, que fala da esperada eleição de Tancredo Neves, “O último colégio eleitoral”, é menor do que a parte de baixo, “Exportação e mercado interno”, que trata de economia, emissão de papel moeda, dívida externa e inflação. A coluna de Luiz Carlos Bresser Pereira, “15 de janeiro: tudo muda mas pouco muda”, que fecha a página à direita, segue na mesma linha da análise econômica, indicando que apesar da mudança política no país, os novos governos civis estavam recebendo graves problemas socioeconômicos do Brasil deixados pelos militares, como o analfabetismo, a corrupção, as desigualdades sociais e uma dívida interna crescente.

Apesar de toda essa herança maldita dos militares, o texto de Abramo prefere comemorar a volta dos governos civis, possivelmente por toda a perseguição que sofreu pessoalmente e dentro da própria profissão no regime ditatorial. O artigo começa bradando a volta do voto: que mesmo indireto, seria um “lance ritual cartorial da democracia”¹²⁵. Porém, justamente pela falta do voto direto, o governo Tancredo não pode gozar do apoio popular, muito menos se acomodar. Abramo chama o que ocorre em Brasília, a partir daquele momento, de “festa sem surpresas”, que só virão com a composição do novo governo. A emoção ficaria por conta dos correligionários ou ex-adversários de Tancredo na espera pelos cargos, e que a passagem para um governo civil seria “pelo meio termo”, evitando os choques ou mesmo não os enxergando, promovendo uma conciliação geral, mesmo de quem queria outro candidato.

Abramo, demonstrando saber como o jogo funciona, não fantasia com uma mudança brusca nos rumos da política, mesmo com a chegada da democracia. Mesmo assim, ele prefere comemorar. “Hoje, após vinte anos de escolhas nas trevas, temos uma à meia-luz. Mas é o começo

124 - (IDEM) P.2.

125 - ABRAMO, Cláudio. A Regra do Jogo – O jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. P.223.

do fim do regime de 64. E por isso todos, você, ele, eu, nós, eles, devemos festejar”¹²⁶. Na página 3, junto à opinião dos leitores, em vez de uma disputa na seção tendências e debates, a Folha deu espaço para dois artigos dos maiores partidos políticos do país na época: Fernando Henrique Cardoso, pelo PMDB, com o artigo “São Paulo na Nova República”, que trata do possível protagonismo da maior cidade do país na transição e da importância da constituinte; e Said Farhat pelo PDS, com o artigo “Repensar, reconstruir, reconciliar”, que fala da importância do partido duplamente derrotado nas eleições: tanto para o PMDB de Tancredo, quanto internamente, com a saída de quadros políticos para o recém-criado Partido da Frente Liberal – PFL.

Democracia nos preços

Como o noticiário já anunciava, talvez sem perceber em 1985, os primeiros anos de governo civil no Brasil (após o calvário e a morte do presidente eleito indiretamente Tancredo Neves) foram marcados por problemas econômicos, rombos em vários setores que possivelmente estavam maquiados ou não podiam ser divulgados nos tempos de ditadura. No dia 2 de março de 1986 a Folha de S. Paulo trazia a manchete “Apoio ao choque é quase total; a população fiscaliza com rigor”¹²⁷, repercutindo uma das medidas do governo de José Sarney no plano de estabilização econômica (decretado no dia 27 de fevereiro daquele ano) para tentar conter a inflação: o congelamento de preços. Na imagem principal da capa, um amontoado de carrinhos de compras abandonados num supermercado paulista por consumidores que protestavam contra a remarcação de preços no mercado varejista.

Ao lado da foto, que ocupa mais da metade da parte de cima do jornal, a chamada (para o caderno de Economia) explicava que a população estava aderindo de fato ao plano do governo federal, o que gerou várias denúncias tanto para as delegacias da Sunab quanto para as de polícia mesmo, com direito a várias autuações e prisões. O texto faz questão de relembrar os números de telefone para mais explicações ou receber denúncias, e trazia ainda depoimentos do então diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma (“qualquer pessoa que presenciar remarcação de preços

126 - (IDEM)

127 - Folha de São Paulo. Capa. “Apoio ao choque é quase total; a população fiscaliza com rigor” (02/03/1986).

Disponível em <<<http://acervo.folha.com.br/fsp/1986/03/02/2/>>>. Visita em 25/05/2015.

pode denunciar”), do assessor especial do ministério da Fazenda, João Manoel Cardoso de Mello (“governo não pretende manter o congelamento por um período muito longo”) e do presidente do Banco Central, Fernão Bracher (“cheques preenchidos com cruzeiros serão aceitos ainda por 15 dias”)¹²⁸.

Ainda completando o lado direito da foto, uma pequena chamada menor remetia a seção “Dinheiro Vivo”, assinada por Luís Nassif, de título “Estudo mostra benefício salarial”. O texto anuncia que os salários tiveram ganho real e várias prestações seriam achatadas (como aluguéis e BNH) com o plano de estabilização do governo Sarney, através de várias simulações feitas pela equipe de jornalistas desta seção, e que todos os compromissos já deverão ser pagos em cruzados a partir da próxima semana. Na parte de baixo da capa, o destaque volta para a política, com a chamada “Sarney diz que 1986 é ano decisivo”, sobre o início de trabalhos no Congresso Nacional, que poderia ser muito bem a manchete do jornal, mas o tema economia parecia ser mais pulsante naquele momento. Fecham o rodapé da página o noticiário internacional, uma fotolegenda (chamada só com foto) sobre a falta de adequação dos prédios paulistas em caso de incêndio e um comunicado pago, pelo grupo varejista Pão de Açúcar, se explicando pelas denúncias de remarcação de preços (flagrado inclusive na imagem principal desta edição da Folha)¹²⁹.

Na página 2, o editorial antes centralizado desta vez foi jogado para a esquerda da página, com os artigos compondo o meio com uma charge acima e uma coluna de Severo Gomes, “A batalha campal”, que trata de inflação e na confiança dada às medidas do presidente, fechando pela direita. Os textos da Folha que compõem o editorial se dividem em “Hora de união”, acima, que segue a tônica desta edição de valorizar o “necessário apoio popular para as drásticas medidas econômicas na luta antiinflacionária do governo”, desvalorizando tanto alguns setores sindicais que pretendiam protestos e greve geral naquele momento, quanto os próprios varejistas que “subrepticamente remarcam os preços”; “Continente sem bomba”, sobre a possibilidade técnica de o Brasil poder fabricar a própria bomba atômica até o ano de 1991 e os desmembramentos geopolíticos dessa evolução; e “Imagem por recuperar”, que fala justamente da parte de baixo da capa da Folha, sobre o começo dos trabalhos do Congresso Nacional, que precisava mudar a imagem de pouco trabalho deixada no ano de 1985, às vésperas da eleição para a Assembleia Constituinte¹³⁰.

128 - (IDEM)

129 - (IDEM)

130 - (IDEM) P.2.

Além de Cláudio Abramo de São Paulo, com “Democraticamente Enérgico”, escrevem nesta edição: Rubem de Azevedo Lima, “O choque do carnaval”, de Brasília, que conta alguns fatores que fizeram o presidente José Sarney adiantar o pacote de medidas econômicas (além da “perspectiva de inflação entre 400 e 500% em 1986”, chocou o presidente as desigualdades entre os membros das escolas de samba – maioria desempregada – enquanto nos camarotes assistiam ao desfile uma minoria, que lucrava com a hiperinflação); Newton Rodrigues com “Fora de forma”, do Rio de Janeiro, que dizia de um general Leônidas Pires, que mesmo com o fim da ditadura continuava a querer dar pitacos no novo governo; e Clóvis Cavalcanti, que escreve “Coragem”, também sobre a aplicação do plano do governo, direto de Recife¹³¹.

Abramo não foge ao tema das medidas econômicas de Sarney, utilizando uma pesquisa da própria Folha para indicar que o pacote teria atingido “o coração do povo brasileiro, que foi atendido por um presidente da República pela primeira vez na história”¹³². Porém, o articulista diz que o êxito do plano depende de mecanismos de fiscalização que talvez não estejam disponíveis, pela própria falta de ação do povo, deixado de lado historicamente em nome das elites no Brasil. Abramo destaca a fala do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto: “o governo deve agir democraticamente com as majorias e energicamente contra os violadores do plano”. Dilson Funaro, da pasta da Fazenda, estaria convencido da necessidade daquelas medidas drásticas.

O cruzeiro, moeda “volátil”, estava sendo trocado pelo cruzado, “que se pretende forte”. O texto aponta ainda que a CUT reagiu mal ao plano tanto por não ter sido consultada, tanto porque dentre as medidas do governo estava o confisco de parte do salário na troca pelo cruzado. Abramo termina destacando que o clima entre os ministros é de torcida. “O que mostra que mesmo a economia, ciência exata, é composta de tantos complicadores que termina sendo realmente um jogo de azar. Ou de sorte”¹³³.

131 - (IDEM)

132 - ABRAMO, Cláudio. A Regra do Jogo – O jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. P.125.

133 - (IDEM)

A Fazenda e a fauna que aflora a disputa

O tempo vai passando, mas no final dos anos 80 no Brasil a economia ainda tomava conta do noticiário. No dia 27 de abril de 1987, a Folha ocupou toda a parte de cima da capa com o tema: “Funaro cai; PMDB exige cargo”¹³⁴, sobre a demissão do então ministro da Fazenda Dilson Funaro, cuja foto ocupava quatro das seis colunas da parte mais nobre da edição. A legenda da imagem, sobre o tempo frio que acompanhava o ministro que rumava de São Paulo para Brasília, já dava o tom de incerteza que aquela saída trazia. Abaixo da manchete, uma explicação de que Funaro havia anunciado o pedido de demissão em caráter irrevogável ainda na sexta-feira, 24 de abril, em Brasília. Da capital federal, o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, adiantava que o cargo deveria ser ocupado por alguém do partido, já que “a política econômica deve ser coordenada por um partido e não por uma pessoa”. Além do anúncio feito de sua casa, em São Paulo, Funaro disse que não estaria saindo por falta de apoio do partido de Guimarães.

O texto segue, informando que a demissão foi feita através de uma carta de Funaro que deveria chegar às mãos do presidente José Sarney, que ainda não a teria aceitado, mas que haveria uma reunião entre os dois. É o agora ex-ministro que dá os detalhes dos trâmites da demissão para a Folha, informando que passaria em Brasília apenas para fazer a mudança de volta para São Paulo e que não creditava sua saída às críticas feitas para as medidas econômicas que adotou¹³⁵. Abaixo dessa explicação, aparece outra chamada para o mesmo tema: “Bresser, Furtado e Serra são os cotados”, já tentando dar conta de quem seria o próximo ministro da Fazenda.

O texto é assinado por Gilberto Dimenstein, diretor da sucursal da Folha em Brasília, e pelo enviado especial Clóvis Rossi. Nele há a explicação de que até o fechamento daquela edição, nenhum ministro de Estado próximo a Ulysses Guimarães sabia dizer com certeza quem assumiria a Fazenda. O motivo dessa incerteza seria o de que Sarney não tinha certeza se os nomes possíveis do PMDB – Luiz Carlos Bresser Pereira, Celso Furtado e José Serra – teriam o respaldo do partido ou “seriam capazes de empolgar a opinião pública e especialmente o empresariado”¹³⁶. Este último setor seria o que o presidente teria mais vontade em “fazer as pazes”, o que fazia com que nomes

134 - Funaro cai; PMDB exige o cargo (27/04/1987). Disponível em <<[<http://acervo.folha.com.br/fsp/1987/04/27/2/](http://acervo.folha.com.br/fsp/1987/04/27/2/)>>. Visita em 25/05/2015.

135 - (IDEM)

136 - (IDEM)

de empresários como José Mindlin (Metal Leve), Paulo Cunha (Grupo Ultra) e Jorge Gerdau Johanpeter fossem especulados.

Na parte de baixo da capa, o destaque vai para o futebol, com uma imagem e uma chamada centralizadas: “Brasil classifica-se para a segunda fase do Pré-olímpico”. No canto esquerdo destaques do noticiário nacional e internacional, no direito, fechando, duas chamadas dividem o espaço: denúncias de irregularidades nas finanças da Polícia Militar paulista e um acidente com um ônibus de romeiros na Rodovia Raposo Tavares¹³⁷.

Na página 2, o editorial continua à esquerda da página e está dividido em quatro temas: “Funaro sai”, apontando rapidamente como o ministro havia saído da euforia à rejeição pública em pouco tempo de ministério, e que Funaro havia caído por estar isolado no PMDB e por fantasmas da recessão e da volta da inflação; “Indícios de contração”, que trata justamente de indícios de que a economia brasileira estava em contração em 1987, após crescimento em 1986, e de que poderia piorar; “A escuta do juiz”, sobre o afastamento de um juiz por colocar escutas ilegais durante um processo; e “Ensino livre”, que pedia que o governo parasse de controlar os aumentos de mensalidades na rede privada de ensino¹³⁸.

Centralizados nesta edição estão a charge, mais acima, e quatro artigos mais abaixo: “Feito e dito”, de Cláudio Abramo, em São Paulo; “Começo do fim”, de Alexandre Polesi, de Brasília; “A loto ministerial”, de Newton Rodrigues, do Rio de Janeiro; e “Casas assombradas”, de Carlos Alberto de Souza, direto de Porto Alegre. Fechando o canto direito, um artigo de Nicolau Sevcenko “A bienal e o Brasil”, sobre a importância da arte, representada pela Bienal que iria ocorrer, em tempos complicados na política.

É covardia, claro, dizer que as artes contemporâneas são mais interessantes do que a política do nosso país. Até o ‘He-man’ é. Mas não deixa de ser um exercício ilustrativo comparar o discurso político mais arguto do final do século 20, com o velho ramerrão do século 19. Ao menos teremos na bienal um oásis de inteligência. Seria ridículo pretender mais¹³⁹

137 - (IDEM)

138 - (IDEM). P.2.

139 - (IDEM)

No artigo desta edição, Cláudio Abramo prefere enumerar cinco diferentes vieses sobre a saída do ministro Dilson Funaro a elaborar um texto corrido sobre o tema. O primeiro viés é o de que a carta de Funaro, e a motivação dela, já eram sabidas pela imprensa paulistana através do jornalista Hermano Alves, do Diário Popular. O segundo é que Abramo considerava correta a decisão do ministro, dada a forte pressão pela escolha de um sucessor para ele nos bastidores. No terceiro viés destacado, o articulista valoriza a importância de Funaro como ministro da Fazenda, mesmo com seus erros, principalmente por seu “engajamento bíblico ao encampar o Plano Cruzado e seu patriotismo ao enfrentar a dívida externa, além de sua honradez pessoal”. O quarto ponto é que a decisão do ministro deveria ser encarada como uma derrota para o “PMDB do Dr. Ulysses, do engenheiro Mário Covas” e dos outros eleitos do partido que teriam de se juntar para não perder o controle da economia. No último destaque, Abramo aponta que a dança das cadeiras nos ministérios deve continuar¹⁴⁰.

Porém, como indica o texto escrito em colaboração para a revista Senhor, de 5 de maio de 1987, o interesse de Cláudio Abramo no tema da saída de Dilson Funaro não havia se esgotado. No artigo “A fauna que derrubou Funaro”, Abramo tenta dar conta de todos os atores políticos daquele momento e de como as ações, ambições, ressentimentos e outros sentimentos destes culminaram com a saída do então ministro da Fazenda¹⁴¹. Novamente se utilizando de pontos e não através de um texto corrido, o autor começa a enumerar quem são e o que fizeram estes atores políticos para “empurrar Funaro para fora”.

Primeiramente, Abramo destaca os “crocodilos da empresa privada”, grandes empresários principalmente do setor industrial que estariam mais preocupados com o próprio lucro do que com o Plano Cruzado e os seus preços competitivos, que chegavam a praticar um mercado negro. O segundo destaque vai para as “girafas da esquerda”, principalmente PT, CUT e Leonel Brizola, que sempre pressionaram Funaro, seja por causa do confisco de parte dos salários no Plano Cruzado, seja exigindo a moratória da dívida externa, pedido que acabou sendo acatado, e não reconheceram o mérito de nenhuma das ações do ministro. No terceiro ponto, Cláudio Abramo relata a influência dos “tigres cosmopolitas”, empresas e empresários de fora que foram atingidos pelo não pagamento da dívida externa e começaram uma campanha de descrédito a Dilson Funaro

140 - (IDEM)

141 - ABRAMO, Cláudio. A Regra do Jogo – O jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. P.127-128.

e a seus assessores, com o apoio de algumas instituições financeiras internacionais, da imprensa estrangeira e até mesmo dos “alegres pavões da imprensa” nacional, o quarto ponto de Abramo. “Jornalistas colonizados, com complexo de inferioridade”, que acabaram se prestando aos interesses de banqueiros internacionais simplesmente por não querer que o Brasil fosse chamado de “caloteiro”¹⁴².

O quinto ponto são os “hipopótamos locais”, banqueiros locais que, mesmo com as tentativas de Dilson Funaro, mais estariam lucrando com a situação, e preferiam demitir bancários e aumentar os juros a perder os lucros. No sexto ponto, Abramo fala dos “roedores palacianos”, possíveis conspiradores de dentro do Palácio do Planalto que teriam interesse na queda do ministro. “Os leões estaduais” aparecem no sétimo ponto, representando os governadores estaduais arruinados por gestões catastróficas, mas que mesmo assim viviam atrás de verba para obras, incluindo dinheiro para “alguma caixinha para o futuro”¹⁴³. Leões que trabalhavam auxiliados pelos “paquiderme uivantes”, no oitavo ponto, as empreiteiras com grandes maquinários que estariam reclamando da falta de investimentos do governo em “obras desnecessárias”.

Abramo fala, no seu ponto nove, das “quatro garças” – os governadores de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mato Grosso (do Sul?)¹⁴⁴ – que teriam sido inspirados pelo Planalto ou pelo próprio Sarney a quererem a saída de Funaro, sem ao menos terem motivo. O ponto 10 fala da “macacada na floresta”, o povo, que estaria sempre à espera do governo para sair da inércia, e assim acabaram manobrados pelo comércio e pela indústria, que promoviam a escassez de produtos no mercado. “O povo não sabe nada, os empresários não sabem ganhar dinheiro com sua eficácia, só sabem ganhar metendo a mão no fisco e no consumidor, o governo é heterogêneo, desarticulado, desenxabido e desorganizado, os partidos são uma piada. O Dr. Ulysses só se toca quando está ameaçado de muito perto”¹⁴⁵. Após as motivações de fora, Abramo cita também três motivos criados pelo próprio Dilson Funaro que provocaram sua saída.

O primeiro foi o de acreditar em empresários a quem estava prejudicando; o segundo, vários erros de timing, de tempo: demorar com o Cruzadinho e a revisão do congelamento de preços, deixar o Banco Central permitir juros altos por muito tempo, além dos problemas com os

142 - (IDEM). P.127.

143 - (IDEM). P.128.

144 - (IDEM)

145 - (IDEM)

preços habitacionais; e por último pelo próprio isolamento no governo. Contudo, Abramo faz questão novamente de ressaltar Dilson Funaro “como alguém que tentou com tudo o que tinha”, terminando inclusive com uma frase que ouviu do próprio ex-ministro por telefone – “sou magro, e Dom Quixote, e vou continuar sendo”¹⁴⁶.

146 - (IDEM)

5 – Considerações Finais

Quando comecei este trabalho, apostei num método de pesquisa que se faria ao pesquisar e num estudo que não se propunha a criar nenhuma melhor teoria sobre o jornalismo, poder e ética, e sim orbitaria sobre esses temas atualizando o pensamento de Michel Foucault, através do trabalho do jornalista Cláudio Abramo. Tal não foi minha surpresa ao perceber que, ao final deste trabalho (que não se esgota nesta publicação) outros focos emergiram. Longe de se pretender resolver as primeiras perguntas, as novas questões que se abrem ampliam justamente novas pesquisas sobre os temas propostos, dando movimento ao pensamento.

Estudar o trabalho de Abramo me disse tanto do empirismo cego que ele praticava dentro da sua prática jornalística, sempre um passo à frente do que se fazia na época, quanto das práticas atuais da imprensa. A impressão que me deu é que, quiçá pela influência dele, o jornalismo daqueles tempos era muito mais próximo do que Abramo pretendia do que o de hoje. Nos mesmos veículos em que o autor trabalhou, apesar dos avanços tecnológicos, o jornalismo de hoje escolheu trilhar um outro caminho que o deixou muito mais passos atrás das “regras do jogo” do jornalista. Todavia, a partir disso não se pretenderá reescrever a história, mudando os fatos

Um dos pontos chaves desse trabalho é justamente tentar dissociar da palavra “acontecimento”, bastante desgastada no jornalismo, o sentido foucaultiano, muito mais profundo e que escapa a cristalização de um real. Para defender o que chama de história, diferente dos historiadores tradicionais, Foucault traça o conceito de “história efetiva”.

A história será ‘efetiva’ na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. Ela não deixará nada abaixo de si que teria a tranquilidade asseguradora da vida ou da natureza; ela não se deixará levar por nenhuma obstinação muda em direção a um fim milenar. Ela aprofundará aquilo sobre o que se gosta de fazê-la repousar e se obstinará contra sua pretensa continuidade. E que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar¹⁴⁷.

A ideia, portanto, não é a de melhor compreender ou fechar novos sentidos para as matérias, tanto as de Abramo quanto as dos jornais da época, mas de abrir, de cortar estes sentidos sob novas perspectivas. A história efetiva faz ressurgir o acontecimento no que ele pode ter de único e agudo.

147 - FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: Microfísica do poder, 1996b. P.18.

O acontecimento não é uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada¹⁴⁸.

Nas primeiras matérias de Abramo citadas nesse texto, a distância entre a maneira que ele e os outros repórteres escrevem pode também ser explicado pelo formato de texto proposto por cada um: na visita do escritor Albert Camus, o jornal O Globo preferiu tratar o evento de forma “factual”, direta, no formato mais tradicional do que se convencionou chamar de notícia, principalmente nas escolas americanas a partir da profissionalização da prática no início do século XX; enquanto a Abramo foi dada a incumbência de uma “entrevista”, formato que pôde ser bastante flexibilizado pelo autor, que deixou de lado a formatação estanque do texto em perguntas e respostas.

Sobre o massacre israelense nos campos de refugiados palestinos no Líbano, Abramo já escrevia na posição de articulista, de enviado especial em Paris do jornal Folha de São Paulo, onde pôde descrever parte dos seus entendimentos e sensações sobre a tragédia, enquanto a Revista Veja abriu várias páginas para texto e imagens do acontecido, no formato reportagem, também trazendo posicionamentos sobre o ocorrido.

Porém, o momento que me chamou mais atenção é quando Abramo volta ao Brasil do exílio e fica na posição de articulista da Folha em São Paulo, trabalho pelo qual ficou mais conhecido. Esse momento, que não por coincidência se dá com a abertura política do regime militar no país, é quando não só Abramo, mas todo o jornalismo da Folha e a própria sociedade precisou criar novas relações, de uma nova república, libertas dos grilhões de uma ditadura que sempre pretendeu controlar o pensar e o agir. O jornalismo da Folha ali tateou bastante nas suas próprias práticas, depois de manter relações controversas com os militares.

É Abramo um dos responsáveis por aquelas mudanças na década de 80 do século XX, que ensejadas pela abertura política, propunha novos modos de jornalismo, com opinião e por isso não em busca de objetividade, neutralidade e imparcialidade, mas de pluralidade. As primeiras páginas da Folha nesse tempo, recheadas de articulistas de vários estados do Brasil e de vários partidos ou linhas de pensamento, propiciavam um debate grande de ideias cujo teor não era tão distante do que se fazia de “notícias”.

148 - (IDEM)

Cabe destacar também, que, pelas idas e vindas que foi a transição democrática no Brasil, resumidamente, com a torcida pelas eleições diretas, a decepção que foi ver a emenda Dante de Oliveira rejeitada, a disputa nas eleições indiretas, a morte do presidente eleito e os problemas econômicos enfrentados pelo novo governo, a Folha de S. Paulo nunca se privou de se posicionar, mesmo que essa posição fosse de conclamar os leitores a usar certa cor pelas Diretas-já ou em apoio ao Governo Federal, sem necessariamente ser chapa-branca ou subserviente a este. Cenário que parece bem distante do que ocorre hoje, pouco mais de 30 anos depois.

Em artigo no dia 11 de maio de 2015¹⁴⁹, o jornalista Mino Carta, que foi contemporâneo e amigo de Cláudio Abramo, indica que as palavras do colega sobre o jornalismo, da ética (nesse caso ética liberal) que o jornalismo deveria assumir, continuam bastante atuais. Apesar de em nenhum momento falar de ética, jornalismo e muito menos de Abramo. O texto até fala em poderes, mas na concepção iluminista de Montesquieu – tão reiterado quando se pensa no jornalismo encarnado como um quarto poder, frente ao executivo, legislativo e judiciário - que estariam encarnados atualmente no Brasil em figuras discutíveis politicamente, o que estaria deixando muitos setores da sociedade pessimistas com relação ao futuro do país.

Mino Carta, apesar de tal panorama desfavorável, parece confiante ao falar do veículo de comunicação que comanda, a revista Carta Capital.

Consta haver exemplos notáveis de criatividade no empresariado jovem, e Carta Capital se compromete a procurá-los e valorizá-los. A novidade não atinge, contudo, o patronato tradicional, perfeitamente representado pelos sonhos tucanos. Nesta moldura, a presidenta Dilma oscila entre um bancário graúdo e o instável, subdolo apoio do PMDB, a inesgotável agremiação do poder pelo poder. Otimistas na ação, nós somos, céticos ao extremo, entretanto, em relação às perspectivas de um país que carece de homens e ideias¹⁵⁰

Percebe-se que, no jornalismo contemporâneo, continua a guerra de liberalismo contra liberalismo da imprensa brasileira. O que Cláudio Abramo, que tanto conhecia as “regras do jogo”, tentava produzir de dentro dos próprios meios em que trabalhava na sua época, agora virou uma disputa entre veículos de diferentes linhas editoriais, mas do mesmo padrão liberal de jornalismo,

149 - Mino: Gilmar, Cunha e Levy são os três poderes. Disponível em <<<http://www.conversaafiada.com.br/economia/2015/05/11/mino-gilmar-cunha-e-levy-sao-os-tres-poderes/>>>.

Visita em 12/05/2015.

150 - (IDEM)

característica de berço dessa prática. Interessante observar também, do ponto de vista da experiência foucaltiana, é que a Carta Capital, assim como os veículos que critica, funciona com um aporte biopolítico, ou seja, com financiamento público, como uma política de Governo. O dito mais radical liberalismo de Carta também sobrevive com dinheiro público e trabalha pelos interesses privados, se querendo uma voz independente.

E o cenário hoje parece bastante catastrófico em relação aos agora saudosos e esperançosos anos 80, inclusive nos veículos de mídia em que Abramo passou. Alguns episódios recentes, produzidos dentro do jornalismo, em diferentes situações, apontam para uma perda total da pretensa pluralidade, do possível empirismo nas práticas, para um recrudescimento nas redações. O controle das opiniões veiculadas saiu do poder Executivo e resolveu dar as caras nas linhas editoriais dos meios, possivelmente influenciada pelo poderio econômico e um visível incômodo desses grandes, embora restritos, grupos empresariais de mídia com a presença do PT na presidência por mais de 13 anos. E nesse flashback quem perdeu potencialidade foi o próprio jornalismo.

Nas eleições de 2014, dois casos envolvendo jornalistas e sua relação com os meios onde trabalhavam ficaram marcados. No dia 11 de outubro de 2014, num conturbado mês eleitoral no Brasil, o jornalista Xico Sá “pediu demissão” (na verdade ele trabalhava prestando serviços ao jornal, como pessoa jurídica, outra característica dos tempos atuais) da coluna que escrevia no caderno de Esportes da Folha de S. Paulo¹⁵¹. Nesse último texto, Xico declarava abertamente o seu voto na reeleição da presidenta Dilma Rousseff, o que, segundo o editor-executivo da Folha, Sérgio Dávila, feria a política do jornal ao se configurar como “proselitismo eleitoral”¹⁵². Ao jornalista ainda foi oferecido um espaço na página A3 do jornal para a publicação do texto, que foi recusado.

Um dia depois, Xico Sá utilizou-se do Twitter para reclamar publicamente na internet da Folha e atacar o tipo de jornalismo que ele via sendo praticado ali, que dentre outras coisas estava

151 - Proibido de apoiar Dilma, Xico Sá deixa a Folha. Disponível em <<
<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/156823/Proibido-de-apoiar-Dilma-Xico-S%C3%A1-deixa-a-Folha.htm>>>. Visita em 30/05/2015.

Ver também: Xico Sá explica por que deixou a Folha. Disponível em <<http://outraspalavras.net/blog/2014/10/14/xico-sa-explica-sua-saida-da-folha/>>. Visita em 30/05/2015.

152 - (IDEM)

a favorecer o outro candidato na disputa eleitoral¹⁵³. "Phoda-se o PT, a merda é q ã há a mínima manchete contra os outros. Aí tá a putaria jornalística e eu, lá de dentro, sei cuma (como) funciona" e "Amo encher a boca e dizer IMPRENSA BURGUESA. é q só há um lado a fuder, nisso é desonesta, escrota, fdp. Pq ã investigar todos?", foram algumas das mensagens que o jornalista enviou pela ferramenta virtual, que permite apenas 140 caracteres por vez.

Em outra ferramenta virtual, neste caso o Facebook, Xico Sá comentou no dia 14 de outubro de 2014, mais calmamente, as razões da sua saída da Folha depois de quase 20 anos de trabalho por lá. Dentre outros motivos, o jornalista confirmou toda a história, inclusive a de não ter aceito o outro espaço na página 3. “É a página de “tendências & debates”, na qual convidados, não gente da casa, manifesta livremente suas opiniões, inclusive de voto. Migrar para um espaço de ‘forasteiros’ não me fez a cabeça, não achei que fosse a solução para o impasse”¹⁵⁴. Apesar de admitir os excessos e não se reconhecer num herói, Xico manteve a opinião sobre o jornalismo da Folha, ao dizer que não estava fazendo campanha para um determinado partido deliberadamente.

Meu reclamo é/era pontual: por que só os caras de um lado são responsabilizados pela história universal da infâmia e ninguém publica, para valer, o “rebuceteio” – para usar um clássico da pornochanchada nacional — do outro lado da suruba pornô-política, querido Reinaldo Moraes? É muito desequilíbrio. É praticamente jornalismo de campanha. Não cobertura¹⁵⁵

Xico conclama justamente a uma ética no jornalismo, não uma verdade ou uma neutralidade. Nesta mesma eleição, em outubro de 2014, outro jornalista se afastou do veículo onde trabalhava, depois de 23 anos, por motivos muito semelhantes. A repórter e apresentadora Mariana Godoy estaria se despedindo da Rede Globo de Televisão amigavelmente, por uma questão particular, de moradia. Porém, em 2015, já contratada pela RedeTV!, Mariana resolveu explicar abertamente o que aconteceu¹⁵⁶.

153 - (IDEM)

154 - (IDEM)

155 - (IDEM)

156 - Alguém se surpreendeu com a revelação de Mariana Godoy? Disponível em:

<<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/06/alguem-se-surpreendeu-com-a-revelacao-de-mariana-godoy.html>>>. Visita em 30/05/2015.

Ver também: A “revelação” de Mariana Godoy sobre os apresentadores da Globo. Por Paulo Nogueira. Disponível em: <<<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-revelacao-de-mariana-godoy-sobre-os-apresentadores-da-globo-por-paulo-nogueira/>>>. Visita em 30/05/2015.

“Todas as perguntas que você vê um apresentador fazer, incluindo o William Bonner (apresentador do Jornal Nacional), é o Ali Kamel [diretor geral de jornalismo] que escreve”, revelou a jornalista, que diz que apenas agora pode ser conhecida de verdade pelo público, já que não tinha nenhuma liberdade nem de fazer perguntas aos entrevistados na emissora carioca¹⁵⁷.

O também jornalista e ex-diretor da editora Globo, Paulo Nogueira, escreveu um texto confirmando a versão de Mariana Godoy e foi mais além na questão da “falta de autonomia” e do “péssimo ambiente e jornalismo” dentro de um dos maiores conglomerados de mídia do mundo. E ele faz questão de lembrar justamente da época de Cláudio Abramo e o que pode ser produzido ali.

Mas o mais relevante, no debate, é que o que ocorre na Globo é um lugar comum nas corporações de mídia. Só quem manda são os donos. Na Veja, o diretor de redação Eurípides Alcântara executa, apenas, as vontades dos Civitas. Em outros tempos, você tinha um certo equilíbrio no jornalismo brasileiro. Os donos, compreensivelmente, eram de direita. Mas as redações eram, também compreensivelmente, progressistas. Na Folha, Claudio Abramo puxava o jornal para um lado e Octavio Frias para o outro, e o resultado era um conteúdo frequentemente instigante. O equilíbrio se perdeu a partir de 2003, com a ascensão de Lula¹⁵⁸

Paulo Nogueira diz que, principalmente após a chegada do PT no poder, os donos destes maiores jornais esqueceram de vez a tal pluralidade e foram atrás de “replicantes”, de profissionais que soubessem repetir a opinião e os interesses dos chefes da forma mais fiel possível. E que se a entrevista não corresse da melhor forma possível, a culpa seria sempre do entrevistador, e não das perguntas roteirizadas. Outro acontecimento marcante que corrobora justamente com essa situação aconteceu há pouco tempo, justamente num programa de entrevistas da TV Cultura, de São Paulo. O Roda Viva era tradicionalmente um espaço para que jornalistas dos mais variados veículos pudessem entrevistar livremente figuras relevantes de diferentes áreas.

No programa do dia 16 de julho de 2015, que recebia o escritor cubano Leonardo Padura, porém, uma resposta do entrevistado chamou a atenção não para ele, mas para a entrevistadora¹⁵⁹.

157 - (IDEM)

158 - (IDEM)

159 - Repórter da Veja leva chinelada de escritor cubano no Roda Viva. Disponível em

<<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/07/reporter-da-veja-leva-chinelada-de-escritor-cubano-no-roda-viva.html>>>. Visita em 30/05/2015.

Ver também: Repórter da Veja admite ter recebido ordens para confrontar escritor cubano. Disponível em

<<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/07/reporter-da-veja-admite-ter-recebido-ordens-para-confrontar-escritor-cubano.html>>>. Visita em 30/05/2015.

Nathalia Watkins, jornalista da Revista Veja, disse ter visitado Cuba há pouco tempo e que o “povo continua sofrendo, miserável e com fome”, perguntando ao escritor que ações ele poderia tomar para acabar com essa situação. Padura, que foi um dos destaques de 2015 da tradicional Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), reconheceu que Cuba é, de fato, um país pobre, mas desconstruiu o cenário descrito pela jornalista brasileira sobre o seu país.

Uma das coisas que tento evitar sempre, quando me perguntam sobre as realidades de um país que visito, é dar minha opinião. Porque uma realidade só pode ser conhecida por quem participa dela, vive nela. Em Cuba, é certo que há pobreza, não posso negar. Mas ninguém morre de fome em Cuba. De uma forma ou de outra, as pessoas comem e têm um teto. Há mais gente na rua em um quarteirão aqui de São Paulo do que em toda Cuba¹⁶⁰.

A situação ficou tão vexatória para Nathalia Watkins, que, segundo a editora do livro do escritor cubano, Ivana Jenkins, a entrevistadora acabou admitindo para o próprio Padura, posteriormente, que fez apenas as perguntas “que o Augusto (Nunes, apresentador) mandou”¹⁶¹.

O programa deveria ter girado em torno de seu livro ‘O homem que amava os cachorros’ (Boitempo Editorial), mas a bancada (com a honrosa exceção de Maringoni Gilberto e a surpresa que foi José Nêumane), preferiu exibir seu parco conhecimento da realidade cubana. Ao final da entrevista, ainda nas dependências da TV cultura, a jornalista da Veja contou – para o entrevistado, seus acompanhantes e demais jornalistas — que apenas cumpriu ordens¹⁶²

É bom ressaltar que o jornalista Augusto Nunes, atual mediador do Roda Viva, é um antigo colunista da Revista Veja e também entrou na onda de ataques aos governos do PT após 2003, e a toda e qualquer ideia política de esquerda, incluindo a situação de Cuba. A entrada do jornalista na TV Cultura, empresa estatal paulista, é creditada, inclusive, a proximidade dele com os governos do PSDB paulista.

A situação parece não ser mesmo das melhores para o jornalismo dentro das redações. Um episódio insólito aconteceu na Folha de São Paulo, e acabou sendo publicado nacionalmente. O jornalista Pedro Ivo Tomé pediu demissão do jornal, onde havia entrado no programa de trainee e trabalhava desde 2012, para trabalhar na área de Direito, onde tinha formação. No seu último dia

160 - (IDEM)

161 - (IDEM)

162 - (IDEM)

de trabalho, sem motivação aparente, escreveu a mensagem “Chupa Folha”, mal criptografada nas letras iniciais de cada parágrafo de um obituário que escreveu¹⁶³.

A mensagem foi descoberta posteriormente e a Folha estuda processar o ex-funcionário, que não se pronunciou publicamente, por considerar a atitude “antiprofissional” e “antiética”, e a mensagem “ofensiva” e “desrespeitosa” com a memória da pessoa falecida e com os leitores. Interessante destacar que esse tipo de mensagem, de outro teor, já tinha sido usado em 2014 na própria Folha de São Paulo, na última edição do caderno TEC, que saía de circulação com as iniciais dos parágrafos formando a despedida - “Adeus Ao Bom TEC”.

O que fica destes episódios recentes no jornalismo brasileiro, principalmente na grande mídia tradicional, é que ela escolheu trilhar um caminho bastante diferente do que tateava o jornalista Cláudio Abramo, dentro destes mesmos veículos, há pouco mais de 30 anos. O que era um ambiente plural, de construção das próprias práticas e de um Brasil livre da ditadura, tornou-se um ambiente hostil, onde se busca a padronização do profissional, que vira um técnico das novas ferramentas de comunicação, repetidor de discursos prontos. O empirismo cego parece ter sido trocado pela cegueira deliberada do repórter, que não apenas não se liga a verdade que transmite e suprime a própria consciência do discurso que profere.

Trazendo sempre para Foucault, há cada vez mais informação disponível em tempo real mas pouco saber novo. No ponto em que chegou a grande imprensa, o repórter usa a mesma desculpa do carrasco nazista do “eu fiz apenas o que me mandaram”, e o jornalismo, mesmo sem censura oficial, fica distante de ser o poder imanente, o contrapoder que tanto se pretendeu. As relações de poder no próprio jornalismo parecem sofisticar os moldes da censura ditatorial.

Interessante é que Foucault, nas visitas que fez ao Brasil, em plena ditadura militar, destacou justamente o exercício do que chamou de “jornalismo radical”. Que o intelectual deveria abandonar a filosofia, seu local sacralizado, para o diagnóstico do presente¹⁶⁴. Foucault destacava a “imprensa nanica, alternativa” (com os quais fez alianças), e de jornalistas que tentavam

163 - Jornalista despede-se do emprego com “Chupa Folha” escondido em texto no jornal. Disponível em <<http://www.buzzfeed.com/alexandreorrico/jornalista-despede-se-do-emprego-com-chupa-folha-escondido-e#.ibEWAPBOE>>. Visita em 30/05/2015.

164 - RODRIGUES, Heliana Barros Conde. Michel Foucault na imprensa brasileira durante a ditadura militar – os “cães de guarda”, os “nanicos” e o jornalista radical. *Psicologia e Sociedade*, 24 (n.spe.), 76-84, 2012.

sobreviver e produzir fora da cartilha da censura oficial, mesmo com os “cães de guarda da ditadura” (que muito o assediou) – no caso, censores infiltrados nos próprios jornais maiores¹⁶⁵.

Segundo Rodrigues (2012), o autor chegou a cunhar o termo “repórter de ideias”, nessa linha do jornalismo radical, “uma prática em que o intelectual e o jornalista trabalhariam no exato ponto de cruzamento entre ideias e acontecimentos”¹⁶⁶. Ao tratar desse jornalismo radical, em entrevista a Revista Veja em 1973, Foucault compara a escrita direta, sem rebuscamento da imprensa anarquista com o que chama de “prática do artesão” que tem prazer em fabricar tamancos (*sabots* em francês quer dizer tamancos, e também tem relação com sabotagem, com o desejo de “emperrar a maquinaria judicializante que nos afeta a todos”)¹⁶⁷.

O que me parece é que, entendendo ética como exercício e não como pertencimento, o jornalismo praticado hoje no Brasil pelos meios tradicionais está tão longe da “prática do artesão”, de Foucault, quanto da “ética do marceneiro” de Abramo.

165 - (IDEM). P.77

166 - (IDEM). P.82

167 - FOUCAULT, M. (1973, 13 de junho). O arqueólogo do saber. *Veja*, 249, 78-79. In: RODRIGUES, Heliana Barros Conde. Michel Foucault na imprensa brasileira durante a ditadura militar – os “cães de guarda”, os “nanicos” e o jornalista radical. *Psicologia e Sociedade*, 24 (n.spe.), p. 77, 2012.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Cláudio. A Regra do Jogo – O jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BARREIRA, Bruno Barros. Teorias e Técnicas do Jornalismo e da Comunicação. Rio de Janeiro: Independente, 2013.

BARROS FILHO, Clóvis de. Ética na Comunicação: da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 2001.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. O que é um dispositivo?. Disponível em <<<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.pdf>>>. Acesso em: 10 jan. 2015

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos investigativos: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002., p.49-71.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: Microfísica do poder, 1996b.

_____. Lacan, o “Libertador” da Psicanálise. In: Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Ditos e Escritos I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

_____. O Filósofo Mascarado. In Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. A Verdade e as Formas Jurídicas. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2003.

_____. Poder e Saber. In: Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

_____. Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

_____. O intelectual e os poderes (1984). In FOUCAULT, Michel. Repensar a política. Coleção Ditos e escritos (vol. VI). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GOMES, Mayra Rodrigues. Ética e Jornalismo: uma cartografia dos valores. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

_____. Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003.

_____. Jornalismo e Filosofia da Comunicação. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LIMA, Venício Artur. A ilusão do quarto poder. In: <<www.teoriaedebate.org.br/colunas/midia/ilusao-do-quarto-poder>>. Acesso em 1º de dezembro de 2014.

MIDÕES, Miguel. Caso Esmeralda e a Espiral do Silêncio de Elisabeth Noelle-Neumann.

Artigo disponível em <<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/midoes-miguel-caso-esmeralda-espisal-do-silencio.pdf>>>. Visita em 1º de dezembro de 2014.

MORETZSOHN, Sylvia. Pensando contra os fatos – Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan. 2007.

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2005.

RODRIGUES, Heliana Barros Conde. Para desencaminhar o presente psi: biografia, temporalidade e experiência em Michel Foucault. In: HÜNING, S. M.; GUARESCHI, N. M. F. (Org.). Foucault e a Psicologia. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2009, p. 7-27.

_____. Michel Foucault na imprensa brasileira durante a ditadura militar – os “cães de guarda”, os “nanicos” e o jornalista radical. *Psicologia e Sociedade*, 24 (n.spe.), 76-84, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. *Pauta Geral*, ano 10, n.º 5, 2003.

_____. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 1. ed. Lisboa: Vega, 1993.

_____. *Teorias do Jornalismo. Porque as notícias são como são*. 2. ed., Florianópolis: Insular, 2005.

_____. *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2.ed., 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo (2002). Paradigmas? Cuidado com eles!. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Caminhos Investigativos: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 6.ed. Lisboa: Presença, 2001.

SITES

Alguém se surpreendeu com a revelação de Mariana Godoy? Disponível em <<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/06/alguem-se-surpreendeu-com-a-revelacao-de-mariana-godoy.html>>>. Visita em 30/05/2015.

A “revelação” de Mariana Godoy sobre os apresentadores da Globo. Por Paulo Nogueira. Disponível em <<<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-revelacao-de-mariana-godoy-sobre-os-apresentadores-da-globo-por-paulo-nogueira/>>>. Visita em 30/05/2015.

As manifestações contra a corrupção transformaram este Sete de Setembro no Dia da Independência desta nova geração. Coluna do Augusto Nunes. Disponível em <<<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/direto-ao-ponto/as-manifestacoes-contr-a-corrupcao-transformaram-este-sete-de-setembro-no-dia-da-independencia-da-nova-geracao/>>>. Visita em 11/04/2015.

Caco Barcelos: “Faço jornalismo, não militância política”.

Disponível em <<<http://www.blogdacidadania.com.br/2011/09/caco-barcelos-%E2%80%9Cfaco-jornalismo-nao-militancia-politica%E2%80%9D-2/>>>. Visita em 11/04/2015.

Discussão entre Eliane Castanhêde e Caco Barcelos (trecho censurado). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=o79VPhf_2UE>>. Visita em 11/04/2015.

Foucault na Bahia: a liberdade nunca é demais – documentário completo. Disponível em <<<https://www.youtube.com/watch?t=30&v=V033HEFLmpk>>>. Visita em 30/05/2015.

Jornalista despede-se do emprego com “Chupa Folha” escondido em texto no jornal. Disponível em <<http://www.buzzfeed.com/alexandrorrico/jornalista-despede-se-do-emprego-com-chupa-folha-escondido-e#.ibEWAPBOE>>. Visita em 30/05/2015.

Meu pai enganou-se. Mino Carta, Editorial da Carta Capital. Disponível em <<<http://www.cartacapital.com.br/revista/851/meu-pai-enganou-se-3934.html>>>. Visita em 25/05/2015.

Mino: Gilmar, Cunha e Levy são os três poderes. Disponível em <<<http://www.conversaafiada.com.br/economia/2015/05/11/mino-gilmar-cunha-e-levy-sao-os-tres-poderes/>>>. Visita em 12/05/2015.

Proibido de apoiar Dilma, Xico Sá deixa a Folha. Disponível em <<<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/156823/Proibido-de-apoiar-Dilma-Xico-S%C3%A1-deixa-a-Folha.htm>>>. Visita em 30/05/2015.

Repórter da Veja admite ter recebido ordens para confrontar escritor cubano. Disponível em <<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/07/reporter-da-veja-admite-ter-recebido-ordens-para-confrontar-escritor-cubano.html>>>. Visita em 30/05/2015.

Repórter da Veja leva chinelada de escritor cubano no Roda Viva. Disponível em <<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/07/reporter-da-veja-leva-chinelada-de-escritor-cubano-no-roda-viva.html>>>. Visita em 30/05/2015.

Xico Sá explica por que deixou a Folha. Disponível em <<http://outraspalavras.net/blog/2014/10/14/xico-sa-explica-sua-saida-da-folha/>>. Visita em 30/05/2015.

ACERVOS ONLINE

FOLHA DE S. PAULO

Congresso repele cerco policial e vota hoje a emenda das diretas (25/04/1984). Disponível em <<<http://acervo.folha.com.br/fsp/1984/04/25/2/>>>. Visita em 25/05/2015.

Colégio Referenda Tancredo; País acompanha sem suspense (15/01/1985). Disponível em <<<http://acervo.folha.com.br/fsp/1985/01/15/2/>>>. Visita em 25/05/2015.

Apoio ao choque é quase total; a população fiscaliza com rigor (02/03/1986). Disponível em <<<http://acervo.folha.com.br/fsp/1986/03/02/2/>>>. Visita em 25/05/2015.

Funaro cai; PMDB exige o cargo (27/04/1987). Disponível em <<<http://acervo.folha.com.br/fsp/1987/04/27/2/>>>. Visita em 25/05/2015.

O GLOBO

Em 1949, Camus visitou Brasil para série de conferências patrocinadas pela França. Disponível em <<<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/em-1949-camus-visitou-brasil-para-serie-de-conferencias-patrocinadas-pela-franca-10607976>>>. Visita em 13/05/2015.

REVISTA VEJA

A voz de Sabra e Chatila. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/crise_palestina/arquivo/reportagem_290982.html>>. Visita em 13/05/2015.